



# Manual de Orientação para Professores de Educação Física

# BASQUETEBOI



## Basquetebol em Cadeira de Rodas



Manual de Orientação  
para Professores  
de Educação Física

BASQUETEBOL



# Basquetebol em Cadeira de Rodas

Autores: Ana Maria Fonseca Teixeira e  
Sônia Maria Ribeiro

Brasília – DF  
2006



COMITÊ  
PARAOLÍMPICO  
BRASILEIRO

COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO

DIRETORIA EXECUTIVA: 2005/2008

VITAL SEVERINO NETO  
Presidente

SÉRGIO RICARDO GATTO DOS SANTOS  
Vice-Presidente Financeiro

FRANCISCO DE ASSIS AVELINO  
Vice-Presidente Administrativo

ANA CARLA MARQUES TIAGO CORRÊA  
Assessora Especial para Assuntos Institucionais

ANDREW GEORGE WILLIAN PARSONS  
Secretário Geral

WASHINGTON DE MELO TRINDADE  
Diretor Administrativo

CARLOS JOSÉ VIEIRA DE SOUZA  
Diretor Financeiro

EDÍLSON ALVES DA ROCHA  
Diretor Técnico

VANILTON SENATORE  
Coordenador-Geral do Desporto Escolar

RENAUSTO ALVES AMANAJÁS  
Coordenador-Geral do Desporto Universitário

Material produzido para o projeto "Paraolímpicos do Futuro" com recursos da Lei nº 10.264/2001 para o desenvolvimento do esporte escolar.  
Distribuição dirigida e gratuita.  
Venda proibida.



Manual de Orientação  
para Professores  
de Educação Física

# Basquetebol em Cadeira de Rodas



**Autores:**

**Ana Maria Fonseca Teixeira**

Licenciada em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba  
Especialista em Recreação e Lazer pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas  
Especialista em Educação Física para Pessoas Portadoras de Deficiência pela Universidade Federal de Uberlândia  
Pós-Graduanda em Treinamento Desportivo pela Faculdade Gama Filho  
Técnica da Seleção Brasileira Feminina de Basquetebol em Cadeira de Rodas; Copa América Winnipeg, 1998; Colorado Springs, 2005  
Coordenadora da Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas da Região Sul  
Coordenadora-Fundadora do Centro Esportivo para Pessoas Especiais, Joinville/SC  
Coordenadora de Esportes da Federação Catarinense de Esportes  
Técnica de basquetebol em cadeira de rodas do CEPE/Raposas do Sul, Joinville/SC

**Sônia Maria Ribeiro**

Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá  
Mestre em Educação Motora pela Universidade Metodista de Piracicaba  
Doutoranda em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba  
Professora do Departamento de Educação Física da Universidade da Região de Joinville/SC  
Coordenadora-Fundadora do Centro Esportivo para Pessoas Especiais, Joinville/SC  
Classificadora Funcional "Ouro", da Federação Internacional de Basquetebol em Cadeira de Rodas  
Classificadora Funcional da Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas

**Revisão:**

Sérgio Augusto de Oliveira Siqueira  
*e-mail:* paradesportosergio@hotmail.com

**Fotos:**

Mike Ronchi  
Tel. (61) 8166 5257  
*e-mail:* fotossintese@brturbo.com.br

**Projeto gráfico, revisão e arte-final:**

Informação Comunicação Empresarial  
Tels.: (61) 3208 1155 / (11) 3021 5445  
*e-mail:* atendimento@icomunicacao.com.br  
www.icomunicacao.com.br

**Impressão:**

Gráfica Cidade

FICHA CATALOGRÁFICA

T266b	Teixeira, Ana Maria Fonseca Basquetebol em cadeira de rodas: manual de orientação para professores de educação física / Ana Maria Fonseca Teixeira, Sonia Maria Ribeiro - Brasília : Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. 50p. il.  ISBN : 85-60336-02-8 978-85-60336-02-9  1. Basquetebol. 2. Esportes. 3. Deficiente físico. 4. Cadeira de rodas. 5. Educação física. 6. Metodologia do esporte. 7. Manual de orientação para professores de educação física. I. Título. II. Teixeira, Ana Maria Fonseca. III. Ribeiro, Sonia Maria.  CDU: 796.323.2
-------	---

## SUMÁRIO

1. EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: OBJETIVOS, METODOLOGIAS E IMPLICAÇÕES .....	11
2. HISTÓRICO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS (BCR) .....	15
3. A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS (BCR) .....	17
4. CONHECENDO O BCR – CARACTERÍSTICAS E REGRAS .....	25
5. INICIAÇÃO AO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS .....	31
6. TREINAMENTO ESPORTIVO .....	40
7. PRINCIPAIS COMPETIÇÕES DO BCR MUNDIAL E NACIONAL .....	44
8. PRINCIPAIS RESULTADOS DE COMPETIÇÕES .....	46
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	48



## O FUTURO MAIS QUE PRESENTE

O projeto Paraolímpicos do Futuro, que ora se inicia, faz parte de nossos anseios há um bom tempo. Mais precisamente desde 2001, quando foi sancionada a Lei Agnelo/Piva, verdadeiro divisor de águas na história do esporte brasileiro. A referida lei, que destina recursos para o fomento a diversas áreas da prática desportiva, atende também ao meio escolar.

Sempre defendi que, antes de tomarmos qualquer iniciativa com relação ao desenvolvimento do esporte para crianças e jovens com deficiência na escola, precisávamos criar uma cultura do esporte paraolímpico no país. De fato, hoje, a sociedade está bem mais sensível a esta nobre causa. E, sem sombra de dúvida, o desempenho de nossos atletas na Paraolimpíada de Atenas, em 2004, muito contribuiu para a exposição e a conseqüente visibilidade do esporte de alto-rendimento para pessoas com deficiência.

No contexto atual de escola inclusiva, na qual alunos com e sem deficiência estudam juntos, o Paraolímpicos do Futuro vem preencher importante lacuna: apresentar à comunidade acadêmica o esporte adaptado, torná-lo ferramenta de integração e, ainda, garimpar futuros talentos. Com uma estratégia de implantação gradativa, que se estenderá até 2008, o projeto tem, para 2006, ações programadas nas cinco regiões geográficas do Brasil: Santa Catarina (Região Sul), Minas Gerais (Sudeste), Mato Grosso do Sul (Centro-Oeste), Ceará (Nordeste) e Pará (Norte).

O trabalho tem cronograma de etapas diferenciadas prevendo a preparação do material didático e de divulgação e a sensibilização dos agentes envolvidos diretamente. A meta do ano é levar a informação para 3.000 escolas, média de 600 em cada uma das cinco unidades da Federação, e treinar 6.000 professores de educação física, dois em média por unidade escolar.

Como fechamento do ano, o Comitê Paraolímpico Brasileiro realizará em outubro, em parceria com o Ministério do Esporte, o I Campeonato Escolar Brasileiro Paraolímpico de Atletismo e Natação. A competição possibilitará a criação de *ranking* dos jovens atletas, que poderão pleitear, em 2007, a Bolsa-Atleta, programa de incentivo do governo federal.

O próximo passo será seguir o rumo de integração hoje existente entre Olimpíada e Paraolimpíada, bem como Pan-americano e Parapan-americano, competições indissociáveis, dentro de uma mesma estrutura organizacional. A idéia é aproximarmos os Jogos Paraolímpicos Escolares das já tradicionais Olimpíadas Escolares e Universitárias.

Como pode ver, caro(a) professor(a), na qualidade de referência dos alunos, de formador de opinião, você só tende a alavancar a plena ambientação dos estudantes com deficiência na escola. De posse de nova capacitação e de compromisso sedimentado em bases éticas e humanas, sua participação é fundamental para o sucesso do projeto.

VITAL SEVERINO NETO  
Presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro



## INTRODUÇÃO

A cartilha basquetebol em cadeira de rodas faz parte do projeto de desenvolvimento do desporto paraolímpico em nível escolar, "Paraolímpicos do Futuro", criado e supervisionado pelo CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro), e tem como objetivo estruturar, de forma diferente dos livros atuais, informações práticas e diretas que possam ir ao encontro da realidade dos professores de educação física escolar no ensino regular de diferentes regiões do Brasil.

Quando falamos de atividades físicas e esporte adaptado nas escolas públicas e privadas, sabemos que os professores na sua grande maioria sentem-se despreparados para trabalharem com esta clientela ou com os novos conceitos exigidos quando atendemos alunos com deficiência física.

A ausência de orientações teóricas e práticas na sua formação acadêmica; a escassez de material bibliográfico; o desconhecimento sobre deficiência / deficientes / esporte adaptado; dificuldade de intercâmbio; barreiras arquitetônicas; a não-participação em cursos de aperfeiçoamento ou, até mesmo, o fato de nunca terem tido contato com uma pessoa com deficiência na vida pessoal, podem ser consideradas como justificativas às dificuldades em atender, nas aulas de educação física no ensino regular, a alunos com deficiência.

A insegurança gerada pelos fatores citados pode resultar em sensações de impotência, medo e angústia – quando alguns professores são informados por colegas ou pela direção da escola que irão trabalhar com um aluno com deficiência – e gerar pensamentos como:

*Eu nunca tive contato com um deficiente em minha vida e não sei nada a respeito do assunto. Será que eu posso fazer meus planos de aula, normalmente, com este aluno? Ele pode? Ele é capaz? O que devo fazer? Como fazer?*

Poderemos, provavelmente, encontrar professores que tiveram contato com pessoas deficientes sem, no entanto, saber que estas podem praticar o esporte adaptado. Como podemos encontrar também professores que já ouviram falar do esporte adaptado, mas nunca tiveram a oportunidade de conhecer ou falar pessoalmente com uma pessoa com deficiência. Você pode identificar-se com algum desses exemplos, entretanto, qualquer que seja sua experiência, procuraremos, no conteúdo desta cartilha, levar informações básicas e necessárias a respeito do basquetebol em cadeiras de rodas.

O texto foi elaborado com linguagem acessível, questões teóricas e práticas pertinentes ao assunto em forma de textos narrativos. Possui um breve resgate histórico, dúvidas frequentes, exercícios e exemplos de atividades, para que ao término do estudo você possa sentir-se motivado, o suficiente, para criar diferentes formas de intervenções pedagógicas, construindo e elaborando estratégias metodológicas e didáticas variadas em seu plano de aula, orientando com mais segurança seu grupo de alunos caso tenha a rica experiência de trabalhar com crianças que possuam ou não deficiência numa mesma sessão de aula.

Os tópicos introdutórios centrarão sua atenção em informações relevantes sobre os objetivos básicos da educação física adaptada, metodologia e as implicações na prática pedagógica do educador.

Na seqüência, nossa atenção volta-se ao basquetebol em cadeira de rodas propriamente dito, conduzindo-o às informações básicas sobre a modalidade. Como e onde surgiu a modalidade; a sua introdução no Brasil e no movimento paraolímpico; quem são aqueles que podemos definir como alunos aptos a praticá-lo, ou seja, para quais alunos com deficiência podemos propiciar a vivência lúdica e competitiva do basquetebol em cadeira de rodas, que, nesta cartilha, será representada pela sigla BCR. Será contemplado também um conteúdo resumido sobre classificação funcional. Esperamos que você tenha acesso a dados suficientes que lhe permitam preparar uma aula teórica, bem como planejar

as atividades práticas, com a segurança com que trabalha, por exemplo, o basquetebol convencional ou basquetebol de andante.

Apontaremos, na continuidade, as características do BCR e as principais diferenças e adaptações em relação às regras do basquetebol em cadeira de rodas e do basquetebol convencional, afinal uma dúvida freqüente é identificar as diferenças e semelhanças entre o esporte convencional e o adaptado. Ao conhecer essas diferenças, você poderá discutir junto com seus alunos, em aulas expositivas e debates, que viabilizam a participação do seu aluno com deficiência na prática da modalidade em questão.

No momento seguinte, abordaremos conteúdos pertinentes ao processo de orientação pedagógica na iniciação esportiva da criança com deficiência na modalidade, considerando os aspectos da adaptação do material e do ambiente físico quando necessários, as contra-indicações e recomendações à prática esportiva, os critérios de seleção do aluno deficiente que poderá participar das atividades e características do seu equipamento de uso (cadeira). Informações simples e básicas, porém indispensáveis para que o atendimento, na prática, ocorra de modo tranquilo e seguro. Por exemplo, como diferenciar um aluno com deficiência que faz uso da cadeira de rodas, ou cadeirante, do aluno com deficiência andante, o que ele pode ou não fazer em suas aulas e quais os cuidados que devem ser tomados. Algumas atividades, voltadas à iniciação da modalidade, também foram contempladas neste material; no entanto, é importante ressaltarmos que o objetivo da cartilha não é analisar as diversas teorias de ensino e aprendizagem ou linhas do desenvolvimento humano, bem como não se pretende entrar no mérito da educação física escolar x competição ou especialização precoce.

Considerando que o material, aqui apresentado, atingirá escolas e professores com diferentes realidades culturais e sociais, pensamos na validade de oferecer também, além das informações básicas sobre BCR, algumas informações táticas e técnicas do jogo e do manejo da cadeira, com sugestão de exercícios, e generalidades sobre a organização e o desenvolvimento do BCR no Brasil e no mundo, nomeando as entidades representativas, as competições e as categorias oferecidas por elas.

Com base nas informações fornecidas até o momento, é provável que você faça o seguinte questionamento: onde ou quando haverá um jogo de BCR para que eu possa assisti-lo e quem sabe, também, convidar meus alunos? Afinal, você já terá dados suficientes para acompanhar e admirar uma partida. Vale lembrar que esta discussão transcende à questão da modalidade BCR, visto que temas como superação, cooperação, diferenças, ética, entre outros, não estão ligados somente à questão da deficiência, ou do jogo propriamente dito, mas são pertinentes às instituições escolares, a sociedade e família.

Finalizando, será apresentado um quadro resumido com os dados atualizados das equipes campeãs brasileiras, os resultados das maiores competições internacionais. Com estas informações, você terá um material de pesquisa para incentivar seus alunos a elaborarem cartazes, seminários, fórum de discussão entre professores, agentes técnicos, comunidade escolar, seja em projetos educativos da escola seja em uma feira de ciências.

Os nossos esforços centraram-se em apresentar a você, professor, informações e possibilidades que poderão ser exploradas em diversos momentos de sua intervenção profissional, seja nas atividades lúdicas seja naquelas destinadas ao condicionamento físico. Até mesmo oferecer-lhe informações que lhe permitam identificar entre seus alunos novos talentos esportivos e encaminhá-los para a prática competitiva. Vamos unir esforços para que o movimento paraolímpico no Brasil se fortaleça cada vez mais e possa ser um espaço de muitas conquistas, começando pela sua escola. Boa leitura!

ANA MARIA FONSECA TEIXEIRA E

SÔNIA MARIA RIBEIRO

## 1. EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: OBJETIVOS, METODOLOGIAS E IMPLICAÇÕES

Para que você possa ficar à vontade tanto no decorrer como ao final da leitura desta cartilha, antes de compreendermos o BCR propriamente dito e, assim, obter respostas para as inquietações ou ansiedades que antecedem freqüentemente nossa elaboração do plano de aula quando temos um aluno com deficiência, ou seja, antes de saber o conteúdo teórico e prático da modalidade, é necessário ter clareza e tranqüilidade de como poderá conduzir suas aulas de maneira segura, profissional e prazerosa. Pensando nisso, recorremos ao conteúdo desenvolvido pela educação física adaptada.



Segundo Duarte e Werner (1995), o objetivo da Educação Física Adaptada é oferecer atendimento especializado aos educandos portadores de necessidades educativas especiais, respeitando-se as diferenças individuais, visando a proporcionar o desenvolvimento global dessas pessoas, tornando possível não só o reconhecimento das suas potencialidades, como também sua integração na sociedade.

A Educação Física Adaptada, Educação Física para Pessoas com Deficiência ou ainda Educação Especial, terminologia utilizada para a disciplina que abarca informações sobre educação física para pessoas com deficiência, caracteriza-se por adequar metodologicamente um conjunto de atividades ou tarefas que envolvam diferentes estímulos, adaptando as capacidades e limitações do aluno com deficiência. Sua proposta não difere dos objetivos da educação física regular, ela visa a ampliar as possibilidades de aplicação da educação física escolar por meio de metodologias que respeitem a diversidade do grupo, as características e as necessidades do aluno com deficiência.

### BENEFÍCIOS ADQUIRIDOS PELO ALUNO COM DEFICIÊNCIA PELA PRÁTICA DA ATIVIDADE FÍSICA

Além de estimular a autonomia e a independência, bem como prevenir doenças secundárias, a prática da atividade física pode resultar nos seguintes benefícios:

#### Nível Motor:

Desenvolve:

- Velocidade
- Agilidade
- Força
- Equilíbrio
- Coordenação
- Ritmo
- Flexibilidade
- Capacidades cardiorespiratórias (aeróbia e anaeróbia)

#### Nível Cognitivo:

Desenvolve:

- Raciocínio
- Atenção
- Melhora a percepção espaço-temporal
- Aumenta o poder de concentração



**Nível Afetivo:**

Favorece:

- Sociabilização
- Espírito de luta
- Controle da ansiedade
- Auto-estima

Geralmente as dúvidas que antecedem o início do nosso atendimento ao aluno com deficiência envolvem indagações como:

**O que eu preciso saber sobre meu aluno com deficiência?**

**Quais atividades teóricas e práticas eu poderia desenvolver junto com um aluno com deficiência?**

As respostas que resultarão destas perguntas serão fundamentais na elaboração do seu planejamento. Para que isto aconteça, é importante ter acesso a algumas informações relevantes que devem ser anexadas ao seu plano de aula. Para que o professor possa atingir o desenvolvimento global do aluno com deficiência em aula e aplicar uma metodologia coerente, serão necessários alguns procedimentos que visam à segurança do seu aluno e à qualidade de sua aula.

## SUGESTÕES DE CONDUTA

### 1) Conhecer o histórico do aluno (anamnese).

Exemplos de algumas questões.

- Qual o motivo da limitação/deficiência?
- Quando e como ocorreu (congenita, adquirida)?
- Quais as conseqüências (seqüelas)?

Ex.: paraplégico tem sensibilidade a dor e temperatura nos membros inferiores? É importante tal informação, pois, se o aluno se machucar durante a aula, ele poderá não notar o ferimento.

- O quadro é estável ou degenerativo?
- Fez cirurgia? Usa prótese? Aparelhos ortopédicos? Sonda?
- Toma medicação contínua?
- Necessita de acompanhamento médico?
- Apresenta problemas de bexiga? Caso positivo, é usuário de fralda continuamente?
- Praticou atividade física anteriormente? Pratica atualmente fora da escola?
- *Se julgar necessário*, solicitar um atestado médico assegurando as condições de saúde.

É importante que, nesta etapa, a entrevista seja detalhada e as respostas sejam registradas como referências norteadoras para o seu trabalho ou para futuros profissionais que venham a trabalhar com este aluno. Neste momento, é pertinente considerar a idade e o amadurecimento psicomotor da criança ou do adolescente, ou seja, é importante ter dados concretos, evitando-se respostas evasivas e/ou repetidas como "não sei...talvez".

Se, ao término da entrevista, você ainda não se sentir seguro, procure auxílio ou alternativas extras como a participação de um agente do posto de saúde mais próximo à sua escola ou de algum parente que conheça o caso do aluno em questão.

## 2) Identificar as necessidades básicas do aluno e detectar suas potencialidades.

Exemplos:

a. Conversando com o aluno sobre suas necessidades. Se ele usa muletas, poderá fazer algum exercício em pé e outros sentado numa cadeira de sala de aula.

b. Testes motores simples como contração e movimentos de grupos musculares permitirão a você detectar exatamente quais grupos musculares estão preservados e, assim, poderá no desenrolar de suas aulas estimular o potencial funcional do aluno, evitando que ocorra frustração coletiva e individual ao solicitar uma atividade para o aluno que ele não teria condições de executar por limitações motoras e não por preguiça ou má vontade.

Todos estes registros deverão ser anotados e até compartilhados, se o professor achar necessário, num conselho de classe ou reunião pedagógica, com anotações no diário de classe ou em seu plano de aula.

## 3) Facilitar a independência e a autonomia do aluno.

a. *Estimular autonomia no aluno* - A independência na locomoção é um passo importante neste processo. Este poderá se dar com correção da postura seja no ensino do uso de muletas seja no manejo de cadeira de rodas.

b. *Eliminar barreiras arquitetônicas* - Observando se para o aluno chegar à quadra tem pedras, ondulações no terreno, degraus, o acesso aos banheiros e espaços onde normalmente as aulas de educação física ocorrem.

c. *Conversar com o grupo* - Refletindo sobre como e até que momento o auxílio é necessário para o colega que possui deficiência física, pedindo ajuda do grupo para as possibilidades de adaptação de materiais para a aula.

A percepção do professor sobre a forma como o aluno se envolve nas atividades será de extrema importância, pois é fundamental identificar o aluno que não faz ou não consegue executar uma atividade por dificuldade, falta de estímulos anteriores, auto-piedade, entre tantos outros fatores. Neste momento, a intervenção do professor será o diferencial do qual o aluno necessita.

Em muitos casos, na adolescência, por uma cobrança social ou familiar, é possível que apareçam sentimentos de impotência, auto-insuficiência e baixa auto-estima. Para compensar estes sentimentos negativos, vivências prazerosas oportunizadas pelas atividades físicas permitirão que ele supere e compense tais sensações e passe a se descobrir nas aulas de educação física buscando superar as barreiras emocionais internas.

## 4) Selecionar atividades considerando o comprometimento motor e a idade cronológica de maneira que elas possam ser regulares e progressivas.

## 5) Não subestimar a condição do aluno (O diálogo é sempre fundamental. É importante se precaver, mas nunca deixe de propor uma atividade por dó).

6) Favorecer, principalmente as crianças, realizando atividades lúdicas, não as eximindo das lições de sucesso, fracassos e regras. No entanto, é importante que iniciemos com tarefas motivadoras e que causem sucesso com a execução de pequenas etapas.

Nas situações de fracasso individual e coletivo, é importante que o professor esteja ao lado do aluno, observando para que nem ele nem os colegas julguem esta experiência como consequência de uma limitação motora, ou seja, “ele é mais fraco”, “ele não consegue, vamos sempre perder”.

É importante que o professor sensibilize-se em relação às necessidades presentes na sua realidade escolar (estrutura física, material, características do aluno), para que o processo de ensino-aprendizagem atenda às necessidades de todos os alunos. Sendo assim, é necessário considerar:

- Se o aluno com deficiência consegue ficar atento ou responder às tarefas por muito tempo (Se tem atenção, ou cansa fácil).
- O uso dos aparelhos dificulta ou impede um bom desenvolvimento das atividades.
- Propor atividades que envolvam o aluno com deficiência sem desestimular a participação dos demais alunos.
- Avaliar se é interessante que o aluno participe por muito tempo de atividades intensas e/ou complementares.
- Exemplos concretos, incentivando a participação e a avaliação de todos os alunos envolvidos na aula (Como sugestão ao término da aula/semana ou mês, poderá ser realizada uma reflexão com os colegas de sala para que possam dar sugestões de melhoras ou mesmo para que possa ser um espaço de manifestação de propostas que não deram certo).

Diante do exposto, Costa (1996) sugere que, por meio de jogos e brincadeiras diversas, essas crianças possam ter a oportunidade de vivenciar experiências que provavelmente não tenham tido oportunidade anteriormente, daí o cuidado que devemos ter de não esperarmos num primeiro momento um sucesso absoluto. Por outro lado, devemos cuidar para não causar excesso de estímulos, com materiais e jogos totalmente desconhecidos, pois o medo e a insegurança são sentimentos que normalmente acompanham crianças com pouca experiência motora e social que, poucos, pela mudança no comportamento afetivo, sentir-se-ão dispostas a superar e envolver-se nas experiências.

## 2. HISTÓRICO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS (BCR)

Há pouco mais de cinquenta anos teve início, não apenas a história do basquetebol em cadeira de rodas, mas as práticas esportivas que envolvem o uso de cadeira de rodas. O seu começo foi tímido e desenvolvido, inicialmente, em centros de reabilitação nos Estados Unidos e Reino Unido. Há dados históricos que apontam que estes países passaram a estimular a atividade esportiva como prática complementar ao processo de reabilitação dos indivíduos com traumas provocados pelos confrontos nos campos de batalha durante a II Guerra Mundial.

Porém, esta prática logo ganhou notoriedade, não apenas pela notável melhora física e psicológica que seus adeptos passaram a apresentar, mas também pelo envolvimento crescente de praticantes que apresentavam outros tipos de seqüelas físicas como amputação, poliomielite, ou mesmo traumas medulares, não adquiridos na guerra.

O basquetebol em cadeira de rodas foi criado nos Estados Unidos pelos veteranos da II Guerra Mundial em 1945, no entanto não existe nenhum registro por escrito que confirme esta data. O primeiro registro que se tem é de 6 de dezembro de 1946, quando foi publicado um artigo em um jornal americano comentando sobre os acontecimentos em uma partida de BCR (STROHKENDL, 1996).

Durante este mesmo período, surgia na Inglaterra o BCR como prática esportiva terapêutica. Dr. Guttman, responsável pela direção do centro de lesados medulares no Hospital Stoke Mandeville, foi um defensor das práticas esportivas como atividade auxiliar no processo de reabilitação.

Posteriormente, este centro tornou-se reconhecido mundialmente pelos trabalhos realizados com o esporte para pessoas com necessidades especiais. Até hoje, são realizados nas dependências esportivas de Stoke Mandeville eventos envolvendo o esporte adaptado.

*“O neurocirurgião Sir Ludwig Guttman introduziu o esporte para portadores de deficiência como medida terapêutica na reabilitação de lesados medulares. Em 1948, ocorria a primeira competição oficial, tendo como modalidades o arco e flecha (Archery) e o pólo em cadeira de rodas - denominando-se Jogos de Stoke Mandeville para Paralisados. Em seguida, foi criada a Federação Internacional de Esportes em Cadeira de Rodas de Stoke Mandeville (ISMSF)” (SAMPAIO et al., 2001, p. 213).*



Dr. Ludwig Guttman

No Brasil, o surgimento do BCR deu-se por intermédio de Sérgio Del Grande e Robson Sampaio que, ao retornarem de um programa de reabilitação nos Estados Unidos, trouxeram esta modalidade para São Paulo e Rio de Janeiro. Em função da receptividade desta modalidade, Robson funda no Rio de Janeiro o Clube do Otimismo e Del Grande funda em São Paulo o Clube dos Paraplégicos em 28 de julho de 1958 (MATTOS, 1994).

O primeiro jogo de basquetebol em cadeira de rodas entre equipes brasileiras ocorreu em um confronto entre paulistas e cariocas, no Ginásio do Maracanãzinho (RJ). Os paulistas venceram. Nos anos de 1960 e 1961, mais dois confrontos ocorreram, sendo dessa vez a equipe carioca vencedora. Desde então, a competição desta modalidade no Brasil tem-se tornado cada vez mais popular.

O BCR representou o Brasil pela primeira vez em uma Paraolimpíada, em 1972, na cidade de Heidelberg, Alemanha Ocidental. A partir daí, as participações brasileiras tornaram-se efetivas (TOQUE A TOQUE, 1988, *apud* FREITAS, 1997).

A partir deste período, muitos outros clubes foram estruturados e entidades foram criadas para estimular a prática desta modalidade por pessoas com deficiência.

No tocante ao BCR feminino, a primeira participação ocorreu na Paraolimpíada de Atlanta, em 1996, nos Estados Unidos, como equipe convidada.

A primeira entidade nacional a dirigir esta modalidade foi a Abradecar (Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas) até o ano de 1997. Neste mesmo ano, em função do aumento no número de equipes, surgiu a necessidade de criar-se uma entidade máxima para coordenar, normalizar e incrementar a prática desta modalidade no Brasil. Surgindo assim a CBBC (Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas) que, por sua vez, reporta-se ao órgão máximo em nível mundial, a IWBF (*International Wheelchair Basketball Federation*).

Na Paraolimpíada de Atenas, na Grécia, em 2004, o basquetebol em cadeira de rodas masculino, num grupo seleta de 12 equipes, obteve o 10º lugar.

Como a prática do BCR tem-se tornado cada vez mais popular, faz-se necessário instrumentalizar profissionais capazes de desenvolver tal modalidade, com enfoque além do esporte de competição, uma vez que os ganhos, por parte daqueles que a praticam, extrapolam os limites das quatro linhas da quadra.

### 3. A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS (BCR)

Quando se fala em esporte para pessoas com deficiência física, como é o caso do basquetebol em cadeira de rodas (BCR), a classificação funcional torna-se um procedimento fundamental para uma competição mais justa e equilibrada. O sistema de Classificação Funcional utilizado pelo BCR foi criado visando a valorizar as condições de movimento do atleta e, ao mesmo tempo, dar oportunidade àqueles que possuem um comprometimento significativo na mobilidade de terem um espaço garantido na prática da modalidade em nível competitivo.

#### MAS, O QUE É CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL?

Na prática do esporte convencional, encontramos critérios de classificação que visam a aproximar os atletas segundo a sua condição motora e/ou biológica, como é o caso das categorias por idade (ex.: infantil, juvenil, adulto ou *master*) e por sexo. No esporte adaptado, diversas modalidades fazem uso de um sistema de classificação, desenvolvido especificamente para a modalidade esportiva. A classificação é dita funcional pelo fato de os atletas serem avaliados em relação à sua funcionalidade em situação de jogo. A classificação visa a organizar os atletas em classes para que possam competir em condições de paridade funcional, conseqüentemente a competição torna-se mais justa. Como também objetiva permitir que atletas com maior comprometimento físico tenham oportunidade de participar de competições, assim como atletas que apresentam um menor grau de comprometimento. Mas, para tal, é fundamental que haja um sistema de classificação eficiente e justo.

#### COMO SURTIU A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL NO BCR?

Antes de abordar brevemente o histórico da classificação funcional do BCR, vale mencionar que esta modalidade foi desenvolvida para indivíduos que apresentavam lesões medulares, completas ou incompletas, que estavam em processo de reabilitação hospitalar. Isto em *Stoke Mandeville*, Inglaterra, por volta de 1940. A primeira classificação utilizada na prática do BCR teve origem na avaliação médica, o que resultou em um sistema incapaz de agrupar os vários tipos de deficiência segundo a funcionalidade (CIDADE e FREITAS, 2002).

No entanto, à medida que indivíduos comprometidos por outro tipo de deficiência física (amputações, seqüelas de poliomielite, entre outras) começaram a participar desta modalidade, tornou-se necessário criar critérios que permitissem a participação de todos, independentemente do tipo de lesão e do nível de comprometimento que apresentassem.

No ano de 1955, nos Estados Unidos, Tim Nugent – na época, presidente da *National Wheelchair Basketball Association* – NWBA –, pensando em garantir o direito a todos que desejassem praticar tal modalidade, formulou o que se tornaria uma regra para a prática desta modalidade, que ficou conhecida como “A Filosofia de Normalização de Nugent”: Qualquer indivíduo que apresentar comprometimento nas pernas, ou nas partes inferiores do corpo, estando desse modo impossibilitado de praticar o basquetebol convencional, será considerado elegível para jogar basquetebol em cadeira de rodas (STROHKENDL, 1996).

Esta normalização é utilizada até hoje, ou seja, somente será elegível para jogar BCR aquele que, em função de uma lesão neurológica, ortopédica e/ou muscular, encontra-se impossibilitado de realizar os movimentos utilizados no basquete de andante como correr, saltar, driblar, disputar rebote e girar.

Após muita polêmica em torno da classificação funcional, em função da utilização de sistemas que continuavam apresentando falhas no seu processo de avaliação, sendo considerados por muitos atletas como sistemas injustos que acabavam por prejudicá-los em vez de beneficiá-los, o professor de educação física, Horst Strohkendl, natural da Alemanha, elaborou um sistema de classificação com a colaboração

de ex-atletas e médicos, que consistia na categorização básica da funcionalidade do atleta nos planos transversal, sagital, frontal, ao executar os movimentos básicos do BCR como impulsionar e frear a cadeira, controlar a bola, driblar, passar, receber, arremessar, fintar e disputar rebote. Sendo assim, é possível identificar o volume de ação do atleta.

O novo sistema dividia os atletas em quatro classes e cada equipe poderia colocar em quadra, somando as classes dos cinco atletas, um total de 14 pontos.

### SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

	Nível da lesão	
Classe I	acima de T7	1,0 ponto
Classe II	T8 – L1	2,0 pontos
Classe III	L2 – L5	3,0 pontos
Classe IV	S1 – S2	4,0 pontos 4,5 pontos

Total de pontos por equipe: 14 pontos \_\_\_\_\_ (STROHKENDL,1996)

No entanto, como a variação entre as condições de funcionalidade haviam sido ampliadas, principalmente pelo fato da IWBF autorizar o uso de faixas, que melhorariam a fixação do atleta à sua cadeira (fixando a região do quadril ou coxa superior) a dificuldade em determinar a classe dos atletas tornou-se mais difícil. Como forma de solucionar o problema, foi introduzido 0.5 ponto a cada classe, surgindo assim mais três classes.

Classe 1.0	1.5 – Classe 2.0	2.5 – Classe 3.0	3.5 – Classe 4.0	4.5
------------	------------------	------------------	------------------	-----

O atleta recebe esta classificação quando ele apresenta características que não lhe permitem enquadrar-se em uma classe ou outra, sendo assim considerado como limítrofes (*borderline*) pelo fato do volume de ação estar entre duas classes (RIBEIRO, 2001).

O novo sistema foi aplicado de forma não-oficial nos Jogos Pan-americanos no Canadá, em 1982. No ano de 1984, tornou-se oficial no mundial de *Stoke Mandeville*, sendo aceito de forma unânime pelos países participantes. Em 1992, na Paraolimpíada de Barcelona, o sistema foi ratificado definitivamente pela IWBF. Este sistema é utilizado até hoje (CIDADE e FREITAS, 2002).

O técnico, conforme o número de jogadores, poderá realizar várias equipes de jogadores com 14 pontos. Mas, caso deseje, ele poderá colocar menos pontos em quadra. Quando o limite de 14 pontos for ultrapassado, será aplicada uma falta técnica contra o técnico.

Exemplos de formação de equipes visando a colocar 14 pontos ou menos em quadra:

Equipe 01	Equipe 02	Equipe 03
01 – 1.0	01 – 1.5	01 – 2.0
02 – 1.5	02 – 2.5	02 – 3.5
03 – 2.5	03 – 1.0	03 – 1.0
04 – 4.5	04 – 4.0	04 – 4.0
05 – 4.5	05 – 4.5	05 – 2.5
14 pts	13.5 pts	13 pts

Para que um atleta possa participar de competições oficiais, tanto nacionais como internacionais, é indispensável a apresentação do cartão de classificação, onde constam, entre outros dados, nome, data de nascimento, clube ou país, classificação funcional, marcações das faixas ou acessórios que o atleta utiliza para jogar, como aparelhos ortopédicos. Durante o jogo, os cartões de classificação dos atletas que estão em quadra ficam de posse do classificador escalado para o jogo. Este posiciona-se na mesa dos apontadores. Ao término da competição, os cartões são devolvidos para os atletas.

Obs.: No basquetebol convencional, são utilizadas, via de regra, substituições observando apenas critérios táticos, substituindo pivô por lateral, armador por lateral, conforme a necessidade imposta por aquele momento no jogo. O técnico não se preocupa com nenhuma outra regra além de encontrar a melhor posição para explorar o atleta em jogo. Entretanto, no BCR, o treinador, além de preocupar-se com a organização tática do jogo, precisa respeitar a regra dos 14 pontos. Ou seja, quando o técnico substituir um atleta, seja ele lateral, pivô ou armador, terá de verificar se a substituição “estourará” os 14 pontos.

#### FATORES QUE DETERMINAM A CLASSIFICAÇÃO

Os principais fatores que determinam a classe de um jogador são:

- 1) Função de tronco;
- 2) Função dos membros inferiores;
- 3) Função dos membros superiores;
- 4) Função das mãos.

A amplitude, a força e a coordenação de todos os movimentos são levados em consideração como componentes individuais de classificação e, então, as funções são relacionadas durante situações de jogo até chegar-se à classificação do atleta.

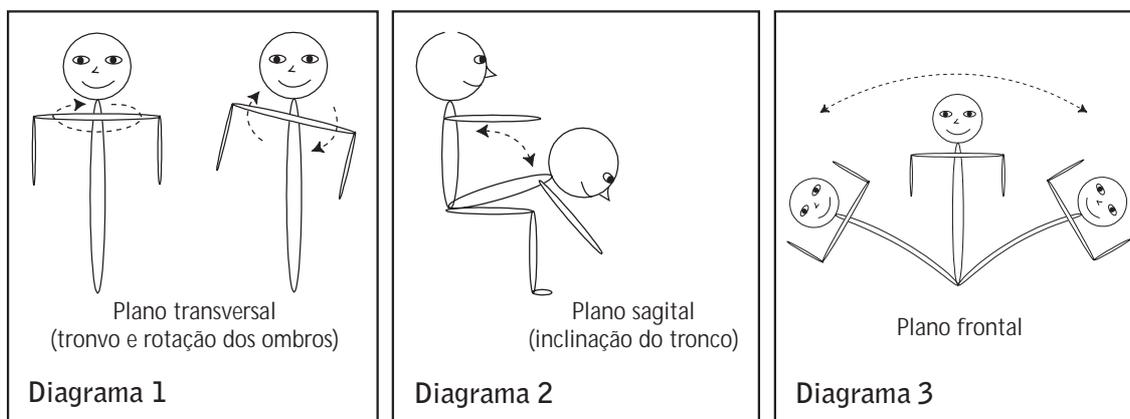
O **plano transversal**: fazer a rotação do tronco para olhar para a direita ou esquerda, mantendo uma posição sentada ereta (Diagrama 1).

O **plano sagital**: flexionado o tronco para frente, levando as mãos em direção aos pés e voltando à posição ereta (Diagrama 2).

O **plano frontal**: inclinando o tronco para a direita ou esquerda, sem movimento no plano frontal e voltando à posição ereta (Diagrama 3).

Quadro resumido das características dos atletas conforme os planos presentes nas classes.

Fonte: IWBF (2004).



Obs.: Uma vez que, durante as aulas de educação física, não será aplicada a regra do limite de pontos em situação de jogo para aqueles alunos que apresentem deficiência física, bem como a participação deles não estará na dependência da classificação funcional, considero que os conhecimentos aqui apresentados permitirão ao professor um melhor aproveitamento no desenvolvimento das condições funcionais do aluno e, conseqüentemente, uma melhor exploração delas.

#### VALE MENCIONAR QUE:

1) Os atletas são classificados nacionalmente em sua primeira competição oficial (a competição é considerada oficial quando reconhecida pela **CBBC – Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas**). Ao participarem de uma competição internacional, reconhecida pela IWBF, deverão passar por uma banca de classificadores internacionais, e a classe recebida neste evento deverá ser acatada em eventos nacionais, cabendo protesto caso haja dúvidas quanto à classe adquirida pelo atleta.

2) Quando o atleta apresentar uma lesão degenerativa, é importante que seja solicitada uma revisão de sua classe periodicamente, pois – no decorrer de um, dois ou mais anos –, é provável ter havido uma alteração no seu volume de ação. A revisão periódica se aplica em casos de cirurgia que tenha provocado uma diminuição na capacidade motora do atleta, após ele já ter recebido uma classificação.

3) Há também os casos considerados com limitações mínimas, gerando até mesmo dúvidas sobre a elegibilidade do atleta. Nestes casos, é comum serem apresentados documentos médicos como radiografias à banca de classificadores, nacionais ou internacionais.

#### O JOGADOR COM COMPROMETIMENTO NOS MEMBROS SUPERIORES

No Brasil, assim como em outros países que, principalmente, foram acometidos por epidemias de poliomielite, é comum a presença de jogadores de BCR com deficiência nos membros superiores. Para a IWBF, a classificação desses jogadores representa um desafio aos classificadores, pois cada jogador é único nas suas características e deve ser analisado de acordo com a sua capacidade funcional. Vale salientar que apenas lesão no membro superior ou tronco não torna um jogador elegível para prática do BCR: o jogador deve atender ao critério para elegibilidade da IWBF, pelo qual eles devem ser classificados de acordo com sua deficiência nos membros inferiores.

Para jogadores que apresentam limitação nos membros superiores, alguns pontos devem ser observados:

- Força;
- Alcance de movimento;
- Controle da bola;
- Capacidade de arremesso;
- Controle da cadeira de rodas com o controle da bola e sem o controle da bola;
- Capacidade para passar, driblar e receber uma bola com qualquer das mãos; pegar a bola do chão em ambos os lados, sem apoiar na cadeira.

Portanto, o atendimento dos alunos com deficiência física nas aulas de educação física deve, entre outros objetivos, permitir que o aluno conheça as suas potencialidades, seja apresentado ao BCR e sinta-se estimulado a engajar-se na modalidade em nível competitivo.



Marcos, jogador brasileiro, com amputação bilateral dos membros inferiores. Classe 3.0 (CPB, 2006)



Írio, jogador brasileiro, com seqüela de pólio nos membros inferiores. Classe 4.5 (CPB, 2006)



Atletas da seleção australiana. A classificação funcional valoriza as diferenças, oportunizando a prática de indivíduos.

## QUADRO RESUMIDO DAS CARACTERÍSTICAS DOS ATLETAS CONFORME AS CLASSES

Funções	Classe 1.0	Classe 2.0
Lançamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perda significativa da estabilidade do tronco quando estende o braço no ato de lançamento, necessitando, geralmente, de apoio no tronco logo após largar a bola.</li> <li>• Durante o lançamento com as duas mãos, o tronco está em contato com as costas da cadeira.</li> <li>• Perda da estabilidade do tronco ao mínimo contato.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ligeira perda de estabilidade na parte inferior do tronco durante a elevação do braço no ato de lançamento, daí resultando o seu afastamento das costas da cadeira de rodas, por força do movimento.</li> <li>• É capaz de rodar o tronco em direção ao cesto quando lança com as duas mãos.</li> </ul>
Passe	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para executar um passe com uma mão, necessita de agarrar-se de modo que mantenha o equilíbrio do tronco.</li> <li>• Só consegue realizar o passe de peito com as duas mãos apoiado nas costas da cadeira ou apoiado nos joelhos (elevados).</li> <li>• Impossibilidade de rodar para receber um passe sobre o ombro, sem se agarrar à cadeira ou à perna, para rodar o tronco.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ligeira perda de estabilidade do tronco em passes com uma ou duas mãos, necessitando de agarrar-se à cadeira ou à perna com uma das mãos.</li> <li>• Boa estabilidade para receber passes na posição sentada.</li> <li>• Pode rodar o tronco para receber passes sobre o ombro com as duas mãos, utilizando algum apoio nas costas da cadeira de rodas.</li> </ul>
Rebote	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ganha o rebote, quase sempre, com uma mão enquanto utiliza a outra para agarrar-se à cadeira de forma que estabilize o tronco.</li> <li>• Se o jogador utiliza as duas mãos sobre a cabeça para ganhar o rebote, tem de estar em contato com as costas da cadeira e ao mínimo contato perde o equilíbrio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Normalmente vai ao rebote com uma mão, havendo uma ligeira perda de estabilidade.</li> <li>• Consegue ir ao rebote com as duas mãos sobre a cabeça, mas, geralmente, é acompanhado por uma ligeira perda de estabilidade quando há contato.</li> </ul>
Impulso	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O impulso é dado numa posição vertical, recostado na cadeira e faz movimentos com a cabeça para trás e para frente em cada impulso.</li> <li>• Alguns jogadores descansam o tronco e os joelhos enquanto impulsionam a cadeira, perdendo o apoio das costas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pode impulsionar a cadeira de rodas sem apoio total nas costas dela.</li> <li>• Ligeira perda de estabilidade que se verifica no plano da cintura com movimentos do tronco à frente em cada impulso, sem movimento da porção inferior do tronco.</li> </ul>
Drible	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Normalmente realizado ao lado da cadeira com instabilidade do tronco e pouca velocidade.</li> <li>• Alguns jogadores podem driblar na frente do apoio para os pés enquanto apóiam o tronco nos joelhos (elevados) para ganhar estabilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Normalmente, dribla ao lado das rodas dianteiras, especialmente quando inicia a ação acompanhada de uma perda inicial de estabilidade.</li> <li>• Alguns jogadores podem driblar em frente das rodas dianteiras, especialmente se o tronco tiver apoio, proporcionado por uma colocação dos joelhos num nível elevado.</li> </ul>
Posição na cadeira	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Joelhos mais altos do que o quadril.</li> <li>• Joelhos unidos com um cinto, ou coxas e pernas presas à cadeira.</li> <li>• Costa da cadeira até meio da coluna, ligeiramente frouxa para ajudar na estabilidade do tronco.</li> <li>• Pode ganhar estabilidade se prender a parte superior do tronco às costas da cadeira.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Joelhos mais altos do que o quadril.</li> <li>• Joelhos unidos com um cinto.</li> <li>• Costas da cadeira ao nível da cintura, ou um pouco mais altas.</li> <li>• Pode beneficiar se fixar a porção inferior do tronco às costas da cadeira.</li> </ul>

Funções	Classe 3.0	Classe 4.0	Classe 4.5
Lançamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Excelente estabilidade do tronco na posição sentada, particularmente após o lançamento.</li> <li>" O tronco move-se em direção ao cesto, acompanhando o movimento do lançamento, sem perder estabilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode mover o tronco em direção ao lançamento, continuando o movimento.</li> <li>" Pode fazer flexão lateral do tronco ou rodar, pelo menos para um lado, afastando-se do defensor, enquanto mantém ambas as mãos elevadas e em contato com a bola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Durante o lançamento, pode mover o tronco em todas as direções, incluindo rotações e inclinação para ambos os lados, enquanto mantém ambas as mãos em contato com a bola.</li> </ul>
Passe	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode realizar passes com uma ou duas mãos sem utilizar o braço ou o encosto da cadeira para manter a estabilidade.</li> <li>" Antes de iniciar a flexão do tronco, pode fazer força no passe mantendo a extensão do mesmo.</li> <li>" Capaz de realizar a rotação, quase máxima, para receber um passe sobre o ombro com ambas as mãos, sem apoio nas costas da cadeira.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode fazer flexão, extensão ou rotação máxima do tronco, enquanto executa um passe com uma ou duas mãos.</li> <li>" Pode fazer flexão lateral do tronco, pelo menos para um lado, enquanto executa um passe com as duas mãos, na mesma direção lateral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode mover o tronco em todas as direções enquanto executa um passe, sempre com boa estabilidade.</li> <li>" Pode inclinar-se em qualquer direção enquanto executa um passe com as duas mãos na mesma direção lateral.</li> </ul>
Rebote	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode executar o rebote com as duas mãos sobre a cabeça, movendo o tronco para frente para buscar a bola.</li> <li>" Estabilidade limitada para apanhar um rebote lateral: geralmente é executado agarrando a cadeira com a mão livre.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode inclinar-se para frente e, pelo menos, para um lado, para ganhar o ressaltado sobre a cabeça com ambas as mãos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode inclinar-se para frente e para ambos os lados com os braços sobre a cabeça, mantendo sempre o controle da bola.</li> </ul>
Impulso	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode impulsionar a cadeira fortemente, sem perder a estabilidade anterior e posterior do tronco.</li> <li>" As porções superior e inferior do tronco movem-se como uma unidade, fazendo força durante o impulso.</li> <li>" Geralmente o impulso realiza-se com as pernas juntas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode impulsionar e travar a cadeira, com uma aceleração rápida e movimentos máximos do tronco para frente.</li> <li>" Geralmente realiza o impulso com as pernas afastadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Igual à classe 4.0</li> </ul>
Drible	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Podem driblar a bola na frente das rodas dianteiras com uma mão, enquanto a outra acelera a cadeira com fortes impulsos.</li> <li>" Flexão do tronco em direção do drible.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Pode driblar na frente das rodas dianteiras enquanto impulsiona a cadeira com a outra mão.</li> <li>" Em drible, pode imprimir velocidade e executar mudanças de direção sem perder a estabilidade do tronco e o controle da bola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>" Igual à classe 4.0</li> </ul>

Posição na Cadeira de Rodas	<ul style="list-style-type: none"><li>• Joelhos um pouco mais altos do que o quadril.</li><li>• Costas da cadeira abaixo do nível da cintura, permitindo rotação total.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Pode beneficiar-se caso tenha os joelhos um pouco mais altos do que o quadril para obter mais velocidade e maior mobilidade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Igual à classe 4.0</li></ul>
-----------------------------	---	--	--

Fonte: Courbariaux (1992)

#### 4. CONHECENDO O BCR – CARACTERÍSTICAS E REGRAS

Algumas das dúvidas mais freqüentes quando falamos em BCR, entre tantas outras que abordaremos, são:

##### 1) O basquetebol convencional é igual ao BCR?

Podemos considerar que as regras do BCR são semelhantes às do basquetebol convencional. Porém, são feitas algumas modificações, principalmente no que se refere ao uso da cadeira de rodas, pelo fato dos atletas obrigatoriamente terem de jogar sentados.

O BCR é considerado por muitos como um dos esportes mais atrativos, dinâmicos e emocionantes, entre aqueles praticados em cadeira de rodas. Um exemplo disto, segundo a Federação Internacional de Basquetebol em Cadeira de Rodas (IWBF), é que em Sydney (2000) mais de 300.000 pessoas assistiram aos jogos durante as paraolimpíadas.

As capacidades físicas e habilidades motoras trabalhadas no basquetebol convencional podem e devem ser desenvolvidas no BCR; mais adiante será abordada a questão da deficiência não ser um impedimento para a execução técnica dos fundamentos do basquete. Entretanto, para que estas habilidades motoras e capacidades físicas possam ser desenvolvidas, é fundamental que aluno/atleta possam ter uma cadeira de rodas que permita o seu deslocamento com segurança e conforto.

##### 2) Quais as diferenças básicas entre BCR e o basquetebol convencional?

R: Vamos iniciar a resposta desta pergunta, falando sobre a cadeira de rodas.

**Todos os jogadores precisam estar sentados na cadeira de rodas durante o jogo?**

R: Sim, é obrigatório que os atletas estejam sentados.

**Como, então, eu poderia aplicar o BCR na minha escola se tenho somente um aluno cadeirante?**

R: Aplicando o princípio da integração, ele participará normalmente das aulas de educação física, executando os fundamentos e as brincadeiras solicitadas, pois não estamos nos referindo neste momento a uma competição oficial e sim ao desenvolvimento do BCR no contexto escolar. Isto permite que sejam substituídas as cadeiras de rodas por cadeiras escolares, ou mesmo ficar sentado no chão.

**As cadeiras de rodas são especiais ou são as mesmas cadeiras utilizadas nos hospitais ou no dia-a-dia pelos cadeirantes?**

R: As cadeiras de rodas de jogo são diferentes e especiais. A tecnologia tem evoluído muito nos últimos anos, as cadeiras de rodas para o basquete são de alumínio com *design* diferenciado e fabricadas sob medida para seus usuários, procurando sempre contribuir e somar as habilidades desenvolvidas em treino aos atletas.

As cadeiras são consideradas extensão do próprio corpo do jogador, observando os detalhes na sua fabricação que não permitirão que ela esteja nem muito larga nem muito justa, o que poderia limitar os movimentos do usuário. Neste momento, é fundamental observar suas limitações físicas e as possíveis características de jogo do aluno.

As características das cadeiras de rodas deverão seguir o padrão definido pela federação internacional como forma de garantir segurança e competitividade. Os itens que serão apresentados a seguir foram extraídos do livro de regras da Federação Internacional de Basquetebol em Cadeira de Rodas e traduzidos (IWBF, 2006).

### 3.1 Cadeiras de rodas

3.1.1 Uma atenção especial deve ser dada à cadeira de rodas, pois ela é considerada como sendo parte do jogador. Contravenção às seguintes regras resultará no banimento da cadeira de rodas da partida.

3.1.2 Somente uma almofada é permitida no acento da cadeira de rodas. Ela deve ter as mesmas dimensões do acento da cadeira de rodas; não mais que 10cm de espessura, exceto para os jogadores ponto 3.5, 4 e 4.5, em que ele não deve exceder 5cm. Ela deve ser a mesma consistência e densidade por inteira; suficientemente flexível para permitir que os cantos diagonais se toquem quando dobrada e de espessura uniforme.

3.1.3 O apóia-pés, ou quando aplicável, a barra protetora horizontal na frente/lados da cadeira de rodas, não devem estar acima de 11cm do chão no seu ponto mais adiante e por toda sua extensão. Esta barra pode ser reta ou levemente curvada, mas não deve ser pontiaguda. Esta medição deve ser feita com a(s) rodinha(s) da frente em sua posição de rolamento para frente.

3.1.4 A parte de baixo do apóia-pés deve ser desenhada de forma que previna danos à superfície de jogo. Uma barra de rolamento pode ser acoplada na parte de baixo do apóia-pés para proteção do piso e uma rodinha anti-rolamento na parte traseira da cadeira de rodas, por razões de segurança, são permitidos.

#### Comentário:

Um ou dois dispositivos anti-rolamento – utilizando não mais que um total de duas rodinhas pequenas presas tanto no quadro quanto no eixo traseiro e localizadas na traseira da cadeira de rodas (rodinhas que freqüentemente, ou até continuamente, toquem o chão) – podem ser adicionadas à cadeira de rodas.

**NOTA:** Dentro do foco deste parágrafo, rodinha anti-rolamento não é uma roda.

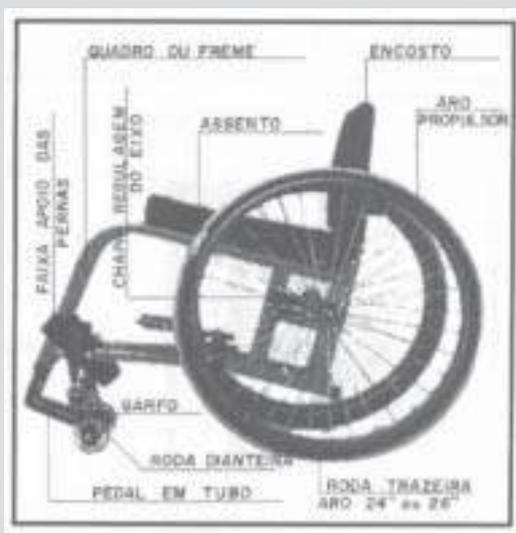
3.1.5 A altura máxima do topo das laterais dos ferros do acento até o solo, incluindo o material que forma o acento da cadeira de rodas, não deve exceder 53cm quando a(s) rodinha(s) da frente estiver(em) em sua posição de rolamento para frente.

3.1.6 A cadeira de rodas pode ter três ou quatro rodas – isto é, duas rodas grandes atrás e uma ou duas rodas pequenas na frente da cadeira.

3.1.8 Nenhum sistema de direcionamento, marchas ou freios são permitidos na cadeira de rodas.

3.1.9 Nenhuma rodinha ou pneu que marque o chão é permitido. Exceções podem ser feitas quando for demonstrado que as marcas podem ser facilmente removidas.

3.1.10 Apoios de braços ou outros suportes para membros superiores, que estiverem presos à cadeira de rodas, não devem se projetar além da linha das pernas do jogador ou do seu tronco em sua posição sentada natural.



Fonte: Freitas (1997)

4) Mas no meu dia-a-dia, meu aluno tem uma cadeira de rodas pesada, velha e com freio, então não devo fazer aula com ele?

R: Devemos interagir o aluno com sua cadeira de rodas de uso diário, pois este é um dos nossos objetivos nas sessões de educação física. Neste momento, mesmo sabendo que existem cadeiras de rodas especiais e mais leves para o jogo, não poderemos exigir dos alunos uma alta *performance* com suas cadeiras para uso diário durante as aulas.

Sendo assim, é importante que sejam observados os itens de segurança da criança com deficiência e de seus colegas.

Ex.: Se a cadeira de rodas tem manutenção; se possui objetos pontiagudos que ofereçam perigo; se possui condição mínima de deslocamento.



Ampliando as informações, serão apresentados, a seguir, algumas regras válidas para melhor compreensão das diferenças entre BCR e o basquetebol convencional.

4.3.4 Jogar descalço não é permitido.

13.2.1 Empurrar a bola deliberadamente com a cadeira de rodas, chutar ou bloqueá-la com qualquer parte da perna ou dar um soco com o punho cerrado é uma violação. Mas, se a bola tocar acidentalmente a cadeira de rodas ou qualquer parte do membro inferior não é uma violação.

14.4 É uma violação para um jogador com controle da bola ou tentando adquirir o controle da bola:

14.4.1 Tocar o solo com qualquer parte de seu corpo exceto a(s) mão(s), ou

14.4.2 Inclinar-se para frente ou para trás na cadeira de rodas, fazendo com que qualquer parte dela, que não a(s) roda(s), toque o solo.

16.2.1 Uma cesta da área de três pontos conta três pontos.

Comentário: As duas rodas grandes devem estar dentro da área de cesta de três pontos, isto é, as duas rodas pequenas podem estar em cima ou na frente da linha da área de cesta de três pontos.

23.2.4 Se um jogador deliberadamente jogar ou dar um tapa na bola em direção a um adversário, fazendo com que a bola saia da quadra, a bola será concedida aos adversários, mesmo que ela tenha sido tocada por último por aquela equipe.

24.1 Um drible começa quando um jogador, tendo ganhado o controle de uma bola viva em quadra:

24.1.2 Impulsiona sua cadeira de rodas e dribla simultaneamente, ou alternadamente impulsiona sua cadeira de rodas e dribla a bola. A bola poderá ser colocada no colo, não entre os joelhos, enquanto impulsionando a cadeira de rodas, e um ou dois impulsos podem ser seguidos por um ou mais dribles.

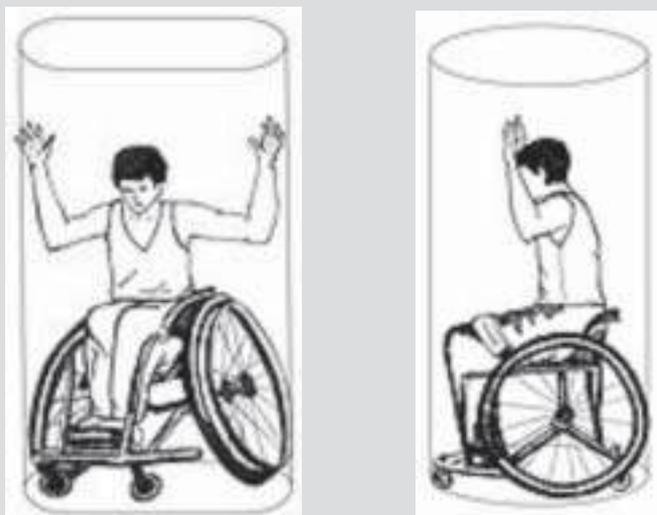
24.1.3 Usar ambas as seqüências acima alternadamente.

25.1.1.1 O número de impulsos, enquanto estiver segurando a bola, não poderá exceder a dois.

### 33.1.9 Princípio do cilindro

O princípio do cilindro é definido como o espaço dentro do cilindro imaginário ocupado por um jogador e sua cadeira de rodas no solo.

Diagrama: representação do cilindro da cadeira de rodas. (IWBF, 2004)



### 33.2 Princípio da verticalidade – O cilindro da cadeira de rodas

33.2.1 Na quadra de basquetebol, cada jogador tem o direito ao espaço (cilindro) na quadra ocupado por sua cadeira de rodas e seu tronco quando sentado na posição ereta.

**NOTA:** O cilindro é definido como a forma geométrica formada pelo jogador, sua cadeira de rodas com todas as rodas, incluindo o anti-tip em contato com o solo como visto de cima.

33.2.2 Este princípio protege o espaço na quadra que sua cadeira de rodas ocupa e o espaço aéreo acima de seu tronco e de sua cadeira de rodas.

33.3.3 Um jogador não pode posicionar sua cadeira de rodas entre as rodas traseiras da cadeira de rodas de um adversário.

33.3.4 A posição legal de marcação estende-se para cima do tronco do jogador, mas dentro do cilindro formado pela cadeira de rodas e tronco do jogador. O jogador pode levantar seus braços acima de sua cabeça, mas deve mantê-los numa posição dentro do cilindro imaginário.

33.6.2 Um jogador em movimento com ou sem a bola pode atravessar a trajetória de um adversário sob as seguintes condições:

33.6.2.1 O eixo da roda traseira do jogador que está atravessando a trajetória possa ser visto à frente do ponto mais à frente da cadeira de rodas do adversário, isto é, os apóia-pés, ou, no caso de uma cadeira de rodas com uma projeção localizada na frente da cadeira, à frente deste ponto mais à frente da projeção.

33.7.2 Jogadores em movimento que param à frente de um adversário em movimento devem dar distância suficiente entre as cadeiras de rodas, possibilitando ao adversário brecar ou mudar a direção sem causar contato severo.

33.7.3 Contato leve pode ser considerado como acidental se um jogador tentar breçar ou mudar a direção de sua cadeira de rodas.

33.9.3 É legal para um jogador estender seu(s) braço(s) ou cotovelo(s) quando estiver assumindo uma posição em quadra, mas ele(s) deve(m) ser abaixado(s) (dentro do cilindro) quando um adversário tentar passar. Se um jogador não conseguir abaixar seu(s) braço(s) ou cotovelo(s) e o contato ocorrer, é uma falta de segurar ou bloquear.

#### FALTAS:

32.1.2 Uma falta é uma infração às regras, levando em consideração contato pessoal ilegal com um adversário e/ou sua cadeira de rodas e/ou comportamento antidesportivo.

NOTA: A cadeira de rodas é considerada como sendo parte do jogador.

#### Artigo 34 - Falta pessoal

##### 34.1.1

Um jogador não deve segurar, bloquear, empurrar, fazer carga ou impedir a progressão de um adversário estendendo sua mão, braço, cotovelo, ombro, quadril, perna, joelho ou pé, nem flexionando seu corpo em uma posição 'anormal' (fora de seu cilindro), nem deverá iniciar nenhuma jogada violenta ou dura.

##### 38.3.1 Falta técnica:

- Levantar da cadeira de rodas para ganhar uma vantagem ilícita.
- Tirar ambas as rodas traseiras do chão para ganhar uma vantagem ilícita.
- Tirar seus pés do apóia-pés para ganhar uma vantagem ilícita.
- Usar qualquer parte dos membros inferiores para ganhar uma vantagem ilícita ou para controlar a cadeira de rodas.

##### 43.2.3 O arremessador de LANCE(s) LIVRE(s):

- Tomará uma posição atrás da linha de lance livre e dentro do semicírculo. Sua(s) rodinha(s) da frente pode(m) estar à frente da linha.
- Não tocará a linha de lance livre ou entrará na área restritiva com qualquer parte de seu corpo nem suas rodas traseiras até que a bola tenha entrado na cesta ou tenha tocado o aro.

51.2 Em nenhum momento na partida, uma equipe poderá ter jogadores participando cujo total de pontos exceda o valor-limite de 14 pontos.

##### 51.3 Penalidade:

Se, em qualquer momento do jogo, uma equipe exceder o limite de 14 pontos, uma falta técnica será marcada contra o técnico com a correção imediata da escalação da equipe.

Perguntas mais freqüentes sobre as diferenças entre o BCR e o basquetebol convencional.

- A tabela é da mesma altura?

Sim, a distância do aro ao solo é de 3,05cm.

- O número de jogadores é o mesmo?

Sim, são sete jogadores reservas e cinco jogadores em quadra (porém, devemos ter a somatória de 14 pontos; item 3 da cartilha - Classificação Funcional).

- A quadra de basquetebol tem o mesmo tamanho?

Sim, a quadra mede 28m de comprimento por 15m de largura.

- O tempo de jogo é igual?

Sim, quatro tempos de 10 minutos com intervalo de 15 minutos entre o segundo e terceiro períodos.

- Se o atleta cai na quadra com sua cadeira de rodas, o técnico poderá ajudá-lo imediatamente?

Não, se um atleta cair em quadra e apresentar necessidade de ajuda, é necessário que os integrantes do seu banco de reserva aguardem uma autorização do árbitro da partida para que se entre na quadra para que o atleta possa ser auxiliado.



Credito Mike Ronchi

## 5. INICIAÇÃO AO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS

O basquetebol é uma modalidade com grande destaque social e um dos esportes mais praticados no mundo inteiro. Muitas são suas qualidades:

- Dinamismo.
- Cooperação.
- Estratégia.
- Alegria e motivação.
- Desenvolvimento de capacidades e habilidades motoras.
- Desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais.
- Possibilidade de pratica em ambientes abertos e fechados.
- Oferecimento atividades competitivas e recreacionais, podendo ser jogado por pessoas de quase todas as idades e de ambos os sexos.

O basquetebol moderno é uma modalidade que necessita muito da união das inteligências múltiplas e das atividades motoras, porém várias são as teorias de seu processo de ensino aprendizagem.

Algumas dessas teorias consideram as seqüências pedagógicas dando ênfase aos movimentos básicos e específicos da modalidade (fundamentos), repetindo os gestos e juntando as partes. Num outro momento, encontramos os defensores da idéia de que se deve adquirir primeiramente as habilidades básicas antes da aquisição das habilidades específicas. Numa abordagem contemporânea, há a ênfase em relação ao atleta compreender os movimentos que está realizando, e não somente executá-los, o que caracterizaria a reprodução do movimento sem a reflexão.

Na evolução dos estudos voltados à iniciação e à aprendizagem esportiva na proposta de uma prática pedagógica abrangente, há o destaque para quatro pontos fundamentais: *diversidade, inclusão, cooperação e autonomia* (PAES e ALBINO, 2005).

Destacamos, neste momento, a importância do aluno em compreender o seu gesto motor, refletir a respeito da sua organização motora, ação essencial à prática do basquete. Em relação aos gestos, Coutinho (2003) sugere que, *"Durante a execução do movimento, o aluno recebe informações, principalmente cinestésicas, sobre como o movimento está sendo executado e, após, recebe informações visuais sobre o resultado do movimento, ou seja, se o movimento executado alcançou ou não o objetivo desejado. Denominam-se estas informações feedback."* (2005, p.29).

Normalmente as primeiras tentativas resultam em erros de desempenho. O aluno toma ciência e procura processar uma mudança na seqüência, quando na próxima tentativa, conforme Coutinho (2003), um novo plano motor é programado, executado e avaliado, repetindo-se o processo até obter o objetivo ou solucionar o problema.

É importante lembrar que os alunos cadeirantes em sua grande maioria utilizam-se do equipamento somente para atividades de uso diário e, provavelmente, nas aulas de educação física e no BCR; mais especificamente, ele terá de aliar este controle ao manuseio do objeto "bola" o que aumentará a necessidade de ajustes constantes.

É fundamental que, antes de se aventurar em um novo exercício, o aluno entenda os movimentos necessários à tarefa, saiba suas potencialidades, coloque em prática todas as variáveis motoras (psicológicas, corporais, verbais, lógicas, espaciais...) que possam auxiliá-lo no sucesso da tarefa.

A participação do professor neste momento é muito importante, pois, sabendo das individualidades ou potencialidades de seus alunos, ele poderá auxiliá-los, uma vez que no processo de aprendizagem o

aluno consegue detectar os erros ou as dificuldades. Mas, por muitas vezes, sente dificuldade em corrigi-los sozinho, precisando de um auxílio ou de demonstrações práticas de correção.

Como estamos num processo de iniciação ao esporte, é importante que o professor tenha oportunidade de conhecer a cadeira, suas possibilidades de deslocamentos, como o seu corpo se organiza na cadeira. Peça ao aluno esta oportunidade, assim você poderá ter uma noção mais clara das atividades que poderá propor vivenciar na prática com o uso da cadeira de rodas e permita também que outros alunos da sala o façam. Este pode ser um dos primeiros passos para você desenvolver uma aula de iniciação.

Quanto à forma de aprender, não existe uma única maneira de proceder à tarefa. Lembre-se que iremos fazer algumas sugestões de procedimentos sobre iniciação, porém fique sempre atento a mudanças. Existe uma grande possibilidade de você estar neste momento aprendendo muitas coisas ao mesmo tempo com seu aluno sobre a cadeira de rodas e sobre o jogo.

Inicialmente é preciso ter em mente algumas recomendações sugeridas por Souza (1994) a respeito das contra-indicações, restrições, para então iniciarmos a prática propriamente dita.

**Inaptidão:** considerar como inapto às aulas os alunos que:

- Apresentarem doenças infectocontagiosas, distúrbios renais, infecções urinárias, úlceras de decúbito (escaras) etc.;
- Estiverem em período de convalescença, após doenças, cirurgias, fraturas ou contusões graves;
- Apresentarem dor e/ou febre.

**Contra-indicações:**

- Casos de dores intensas.
- Irritações dérmicas.
- Precário estado geral ou de funções vitais.
- Feridas abertas ou alterações intensas da temperatura corporal.

**Recomendações:**

- Após uma queda de cadeira de rodas com suspeita de fraturas ou lesões profundas, encaminhar a um médico e só permitir o retorno às atividades físicas após a constatação de que não haverá inaptidão temporária.
- Em dias muito quentes, evitar que alunos lesados medulares fiquem com os pés descalços ou outra parte qualquer do corpo em contato direto com materiais que se aqueçam facilmente (metais e piso). O contato prolongado, mesmo com materiais menos quentes, pode provocar queimaduras.
- Nos deslocamentos em cadeira de rodas (em corridas, basquete etc.), prender as pernas do aluno com faixa (corda) elástica, ou adotar assento anatômico mais adequado, de maneira que os joelhos se posicionem mais alto que os quadris, de tal forma que os pés não caiam de seu apoio.
- Portadores de paraplegia e tetraplegia apresentam distúrbios de regulamentação térmica, não devendo ser expostos por muito tempo ao sol e calor intenso. Ter cuidado com locais muito abafados. Preventivamente poderá ser levado para um local mais fresco e hidratá-lo.
- No aperfeiçoamento em técnicas de manejo de cadeira, existe a possibilidade de se fazer bolhas de água ou calos nas mãos; caso seja necessário, proteja-as, na semana inicial, com esparadrapos.

Segundo Costa (1996), na metodologia do processo de iniciação da modalidade, é relevante considerarmos que as crianças com deficiência, como todas as outras crianças, necessitam do maior número de experiências possíveis, com e sem materiais, para ampliar desta maneira o seu acervo motor e cognitivo. Uma proposta para uma metodologia segura:

- Do conhecido para o desconhecido.
- Do fácil para o difícil.
- Do simples para o complexo.
- Do leve para o pesado.
- Do lento para o mais rápido.
- Do concreto para o abstrato.

Algumas recomendações quanto aos procedimentos didáticos são apresentados por Costa (1996) e Almeida (2002). A explicação dos exercícios deve ser precisa e compreensível, feita verbalmente e por demonstração, utilizando-se de aulas recreativas, lúdicas, prazerosas, fazendo o aluno tomar gosto e confiança nas aulas.

- Respeite o tempo de aprendizagem de cada um, pois as pessoas são diferentes.
- Elogie todo o processo e corrija, sempre destacando um ponto positivo.
- Ofereça atividades e exercícios que venham ao encontro das necessidades do maior número possível de pessoas, mesmo as mais limitadas.

O professor deve estar ciente de que, no processo de iniciação ao BCR, ele poderá encontrar alunos animados e preparados para participarem das aulas de educação física, como também poderá encontrar alunos inseguros.

Freitas (1997) destaca que a motivação é um elemento muito importante, do qual o professor de educação física deverá ter conhecimento nesta etapa da iniciação. A autora cita que o portador de deficiência não tem a sua personalidade também deficiente, porém sabe-se que a personalidade dessa pessoa poderá sofrer com a consequência social da deficiência, podendo até chegar a ser uma personalidade problemática. Mas se a pessoa com deficiência consegue ter sucessos e superar pequenos desafios ao longo de sua vida, sua personalidade também vai crescer mais forte.

Seguindo este princípio na iniciação esportiva, devemos propiciar atividades com experiências de sucesso. A autora ainda sugere que o ensino do BCR seja dividido em níveis de aprendizagem de acordo com as possibilidades que o professor detectar no aluno, iniciando com um repertório bem simples. Propõe-se que atividades lúdicas sejam inseridas juntamente com pequenos jogos, para que possa propiciar o sucesso, mesmo que insignificantes para a metodologia convencional, pois poderá proporcionar aumento da auto-estima, segurança e, assim, você poderá gradativamente ir diversificando suas propostas.

Encontramos ainda em Freitas (1997) que a iniciação no BCR deverá ser estabelecida por cinco etapas de aprendizagem:

- a) Conhecimento da clientela, tipos de deficiência e seqüelas (cartilha de introdução).
- b) Conhecimento do basquetebol convencional e o BCR; não podemos introduzir o BCR sem termos conhecimento básico do basquetebol convencional e isto poderá ser dado de diferentes formas na escola, por meio de palestras, aulas expositivas etc.
- c) Conhecimento da cadeira de rodas; nesta cartilha, será apresentada algumas informações, mas é enriquecedor que o professor tenha também uma vivência prática com a cadeira de seu aluno.
- d) Classificação funcional no âmbito escolar é indispensável para que o professor possa realizar alguns testes motores de funções musculares para saber se existem músculos lesionados, ou seja, quais os músculos que ele consegue movimentar e até onde consegue executar movimento.

Exemplo: Utilização de músculos abdutores na ação de pegar alguma bola nas laterais.

Movimentos de equilíbrio com o tronco à frente.

O professor poderá lançar mão de alguns artifícios, que possam ajudá-lo no processo de iniciação, para orientar o seu aluno no desenvolvimento das atividades, observando assim se o aluno está bem sentado. A orientação poderá ser no sentido de colocar uma almofada, faixas abdominais ou no pé para ajustar melhor o corpo à cadeira. Fixar o quadril no assento da cadeira ou na base do encosto, propiciando um ajuste melhor do aluno à cadeira, facilitará a condução do equipamento.

É importante saber se, no início do ano letivo, o aluno é usuário de próteses ou órteses, se será adequado realizar as aulas com ou sem estes aparelhos. O uso dos acessórios sugeridos anteriormente, como faixas, é para que o aluno possa sentir-se mais seguro e estável na cadeira de rodas, podendo melhorar suas habilidades e capacidades motoras na cadeira.

e) Fundamentos do basquetebol e adaptações ao BCR.

No processo ensino-aprendizagem, é essencial conhecer os fundamentos que englobam os gestos básicos da modalidade basquetebol e sua correta execução. Neste material, em específico, deve-se considerar que o processo pedagógico do BCR deverá ser similar ao basquetebol convencional.

Serão apresentados, mais adiante, os fundamentos técnicos da modalidade; no entanto, é relevante comentar, neste momento, o fundamento “domínio de corpo e da cadeira de rodas” no que se refere à iniciação no BCR. Este fato justifica-se quando observarmos que uma das adaptações ou diferenças mais significativas entre o BCR e o basquetebol convencional é a necessidade de uso do equipamento: a cadeira de rodas.

Para tal, faz-se necessário na iniciação dessa modalidade que o aluno aprenda as técnicas de domínio de corpo e utilização da cadeira de rodas, para que na seqüência do aprendizado do manejo da cadeira ele possa desenvolver, com mais segurança dentro do processo de aprendizagem, as habilidades e os fundamentos propriamente ditos e exigidos no basquetebol.

De acordo com Freitas (1997), para que o aluno possa ter um bom desempenho no manejo de cadeira de rodas, faz-se necessário o aprendizado de algumas técnicas:

**Observação:** utilizaremos freqüentemente o termo aro de propulsão, que deverá ser entendido como aro de impulsão. É um aro fixado à roda da cadeira que, pelo toque, define a intensidade do deslocamento, direção e frenagem da cadeira.

- a) Técnica de proteção para queda;
- b) Propulsão da cadeira de rodas:
  - Propulsão da cadeira para frente;
  - Propulsão da cadeira para trás.
- c) Frenagem da cadeira de rodas;
- d) Mudança de direção;
- e) Largadas e partidas;
- f) Empinar a cadeira.

**A) Técnica de proteção para queda:**

Durante o jogo ou atividades físicas em movimento, muitos podem ser os momentos em que os alunos cadeirantes passem por situações de desequilíbrios ou tombos de suas cadeiras de rodas.

Portanto, torna-se fundamental que o aluno aprenda algumas técnicas para se proteger da queda de uma cadeira de rodas.

Como processo de aprendizagem desta técnica, Freitas (1997) sugere que o aluno comece parado, desequilibrando-se para trás com um dos braços estendidos por trás do encosto da cadeira o mais próximo possível desta, enquanto o outro braço sustenta a cadeira de rodas, evitando que ela deslize para frente, segurando o aro de propulsão ou o aro e o pneu ao mesmo tempo. Na seqüência, caso o aluno necessite voltar à posição sentada, ele poderá fazê-lo agindo num movimento conjunto do empurrão do braço contra o solo e o puxão do aro propulsor para trás, jogando o seu corpo para cima e para frente. (As rodas frontais da cadeira perderam o contato com o solo, e o aluno terá a sensação de que estará caindo de costas e tem de proteger a cabeça e o corpo, mas, lembre-se, ele estará iniciando este processo parado o que torna o movimento lento e seguro. Caso o aluno não tenha força suficiente para desequilibrar sua cadeira para trás, o professor poderá auxiliá-lo segurando na parte alta do encosto e trazê-lo em direção ao seu encontro e para baixo empinando ligeiramente a cadeira de seu aluno).

Sugestão: No domínio gradativo da técnica, diminui-se a espessura do colchão até a sua retirada por completo.

#### Erros mais comuns:

- Braço de proteção muito afastado do encosto.
- Na queda flexão do braço de proteção, fato que limita a força para sustentar o corpo.
- Não segurar com o outro braço o aro propulsor da cadeira, evitando que ela se deslize para frente.
- No ato da queda extensão completa dos dois braços.

#### B) Propulsão da cadeira de rodas (deslocamento da cadeira):

Para o aluno desenvolver qualquer exercício em sua aula é fundamental que ele saiba tocar (empurrar) a sua cadeira de rodas de diferentes maneiras com autonomia, segurança e domínio, para que os seus gestos possam ter harmonia e economia de energia. Citaremos aqui a propulsão (toque) da cadeira de rodas para frente e para trás, pois são movimentos fundamentais que poderão ser utilizados em qualquer atividade solicitada numa aula de educação física.

■ **Deslocamento da cadeira para frente:** Pode ser utilizada a empunhadura (pegada/toque) somente no aro de propulsão ou em conjunto, entre o aro de propulsão e os pneus. A locomoção da cadeira de rodas ocorre a partir do movimento que deverá ser iniciado na altura da linha do quadril, ou seja, na parte superior do aro da cadeira de rodas.

O aluno inicia o toque com as mãos simultaneamente e, paralelamente, promove uma propulsão para a frente e para baixo, em movimentos contínuos, até a extensão total dos braços. O término desse movimento se dá com a palma das mãos do aluno voltadas para baixo, havendo descontração total dos braços. O aluno deverá manter o seu corpo ligeiramente inclinado à frente, com o seu tronco parado durante a propulsão (FREITAS, 1997).

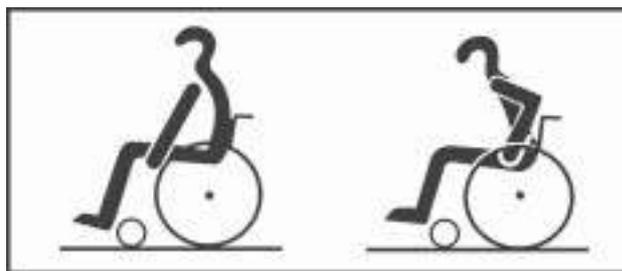


Figura 01 – Freitas, 1997

**Observações:**

- Os alunos que não possuem controle de tronco deverão inclinar para a frente da forma que conseguirem (STROHKENDL,1989 apud FREITAS,1997 p.72).
- A velocidade da cadeira será de acordo com a velocidade imprimida no movimento.
- Tetraplégicos não conseguirão fazer a preensão completa dos dedos no aro de propulsão em função da lesão neurológica; apenas será realizado o contato das mãos.

**Erros mais comuns:**

- Não aproveitar o deslize da cadeira após a propulsão, provocando, dessa maneira, uma pequena frenagem todas as vezes que nela tocar.
- Não executar o toque com as mãos paralelas e simultâneas, imprimindo na maioria das vezes, maior força de um lado do que de outro, provocando dessa maneira uma mudança de direção da cadeira.
- Iniciar ou terminar o toque na cadeira em altura recomendada, provocando assim um número exagerado de toques e, conseqüentemente, maior gasto de energia.
- Movimentar o tronco durante o toque (FREITAS, 1997).
- **Deslocamento da cadeira para trás:** No aprendizado desta técnica, deverão seguir-se os mesmos princípios utilizados no deslocamento para frente, observando que os movimentos devem ser realizados no sentido contrário. O toque deve iniciar na frente da linha do quadril do atleta, com extensão total dos braços, percorrendo o aro de propulsão até a altura da linha do quadril. Durante esse movimento, o tronco do atleta deve ser ligeiramente inclinado para frente e parado, facilitando assim o movimento completo (BRÖXKES E HERZONNG, 1993 apud FREITAS, 1997:74).

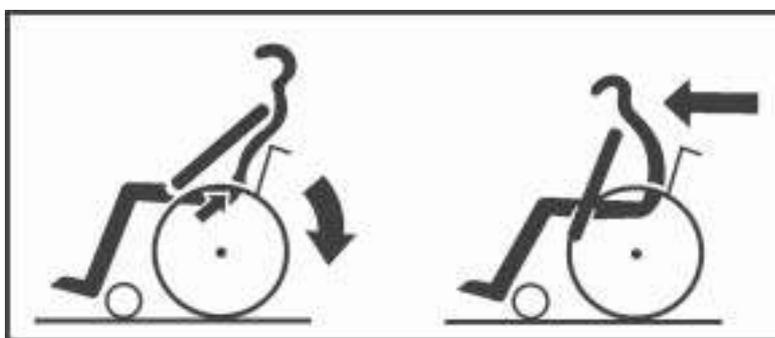


Figura 02 – Freitas,1997

**ATENÇÃO:** Começo com os braços estendidos, totalmente à frente, no aro de impulsão e o corpo ligeiramente inclinado no mesmo sentido; no segundo momento, é realizado um movimento puxando os braços simetricamente para trás até a altura da cintura em conjunto com a elevação do tronco.

A frenagem deve ser suave deixando o aro de impulsão deslizar entre as mãos que estarão colocadas à frente do corpo, pois uma parada brusca com as mãos na altura da cintura (ao lado corpo) poderá causar o empinamento da cadeira de rodas com uma queda do aluno para trás.

**Exercício:** Este exercício poderá ser realizado com todos os alunos na linha de fundo da quadra de basquete. Os alunos andantes deverão correr de costas e os cadeirantes com a proteção de alguém atrás para dar segurança, até o momento em que se percebe a autonomia completa deste aluno.

**Posição:** segurar os aros propulsores próximos às rodas dianteiras, com os braços estendidos e mantendo o tronco inclinado ligeiramente para frente.

**Ação:** puxar os aros propulsores com ambas as mãos, devagar e para trás elevando o tronco. Quando as mãos chegarem ao lado do corpo, procurar estender rapidamente os cotovelos, levando as mãos bem à frente. Repetindo o movimento inicial de inclinação do tronco para frente, mantendo o contato com os aros propulsores. Deslocar a cadeira em linha reta, determinando o local de chegada.

**Variações:** ao sinal do professor, realizar uma frenagem (parada).

#### C) Frenagem da cadeira:

A frenagem pode ser realizada com ambas ou com uma das mãos, dependendo da situação em que são solicitadas. Freitas (1997) alerta que, para provocar a parada da cadeira de rodas, o aluno deve inclinar, quando possível, o tronco para trás, pressionando com as mãos simultâneas, de forma firme e gradativa, o aro de propulsão à frente da linha do quadril.

Porém, o aluno pode ver-se forçado a parar bruscamente; então, deverá parar de maneira normal, observando, no entanto, a maneira de segurar o aro de propulsão e o pneu ao mesmo tempo, para que a cadeira não deslize ou derrape em pisos muito lisos.

**Dicas:** a frenagem deverá ocorrer de forma gradativa; a pressão nos aros propulsores deverá ser crescente, sendo mais fraca no seu início e acentuando-se à medida que a cadeira reduza a sua velocidade, como destaca Souza (1994).

#### D) Mudanças de direção:

Para o aluno aprender a dominar a cadeira de rodas, é fundamental que ele consiga realizar mudanças de direção, pois esses movimentos permitirão que, tanto nas aulas de educação física quanto nos jogos lúdicos/competição, ele possa desenvolver movimentos de finta. No BCR, a mudança de direção pode ser observada em giros de 90°, 180° e 360° para direita e/ou esquerda.

O aluno deverá pressionar, de forma crescente, o aro de propulsão do lado para o qual deseja realizar o giro, inclinando ligeiramente o tronco para trás e para o lado do giro. Nos giros de 180° e 360°, além da pressão no aro, pode também ser necessária uma puxada rápida do aro para trás, obrigando a cadeira a girar mais rapidamente sobre o seu eixo como destaca Freitas (1997).

**ATENÇÃO:** O aluno deverá ter o conhecimento da representação simbólica de 90°, 180° e 360°.

Para idades iniciais, as referências poderão ser apresentadas às crianças em forma de figuras de linguagem, ou utilizando os círculos e meios círculos pintados na quadra.

Exercício

**Posição:** parado de frente para professor.

**Ação:** ao sinal ou solicitação verbal do professor, o aluno deverá fazer um giro de 90°, 180° ou 360°.

**Variações:** Deslocamento frontal e a cada linha ou objeto encontrado na quadra, o aluno deverá fazer um tipo de giro pré-determinado pelo professor.

#### E) Largadas e partidas:

Esta técnica é muito utilizada no BCR em arranques bastante rápidos, curtos ou longos, que propiciem um bom posicionamento do atleta no ataque, defesa e contra-ataque. Vale mencionar que, para o aluno apresentar domínio neste fundamento, ele deve postar o quadril o máximo possível para trás, inclinar a parte superior do tronco para frente e tocar vigorosamente o aro de propulsão para frente. Entretanto, o aluno deverá tomar cuidado, pois, tocando a cadeira com força e velocidade para frente, ela poderá se inclinar para trás, provocando a queda do aluno (FREITAS, 1997).

#### F) Empinar a cadeira:

Consideramos o ato de empinar a cadeira de rodas um fundamento importante para o equilíbrio e coordenação do aluno no processo de aprendizagem do domínio da cadeira. É importante salientarmos que esta ação, além de não ser um movimento usual, não é permitida durante o jogo de BCR.

Este fundamento é sugerido para alunos que já possuam um bom domínio de tronco e poderá também ser utilizado nas aulas de educação física como uma atividade lúdica, em que o aluno poderá desenvolver várias situações que permitam que a cadeira de rodas seja empinada (frente/lateral/giros).

Exercícios: As sugestões de exercícios a seguir atendem à proposta realizada por Souza (1994).

1) Com auxílio de alguém que segurará o encosto da cadeira por trás.

**Posição:** segurar os aros propulsores próximos às rodas dianteiras, com os braços estendidos, mantendo o tronco junto ao encosto da cadeira.

**Ação:** puxar os aros propulsores, com ambas as mãos, devagar e para trás. Quando as mãos chegarem ao lado do corpo, procurar estender rapidamente os cotovelos, levando as mãos bem para frente, mas mantendo o contato com os aros propulsores.

A pessoa que estiver ajudando poderá inclinar levemente a cadeira para trás para facilitar que ela fique em duas rodas.

2) Com proteção de alguém segurando a cadeira.

**Posição:** segurar os aros propulsores, posicionando as mãos ao lado do corpo.

**Ação:** levar as mãos rapidamente para frente, mantendo contato com os aros propulsores e estendendo os cotovelos.

**Observação:** Nas atividades iniciais do fundamento “empinar a cadeira”, é fundamental que alguém possa estar atrás do encosto da cadeira de rodas, oferecendo a proteção necessária ao aluno, permitindo que ele possa executar a tarefa com a máxima segurança, evitando uma queda repentina.

Ao finalizarmos as sugestões do processo pedagógico da iniciação no BCR, é importante entendermos que o aluno cadeirante poderá e deverá participar dos exercícios de iniciação ao basquete convencional executando todos os exercícios propostos à modalidade, respeitando as devidas adaptações e características do BCR. Ressalte-se a importância do domínio da cadeira de rodas neste momento da aprendizagem, pois ela é fundamental para um aperfeiçoamento não só do jogo, mas também do domínio de habilidades gerais do aluno.

No processo de iniciação, sugerimos algumas atividades com e sem bola com base em Costa (1996) e Souza (1994):

- 1) Sentado no chão, ou na cadeira de rodas, passarem a bola e dizer o nome;
- 2) Idem ao anterior e dizer o nome a quem a bola será endereçada;
- 3) Jogar a bola para cima e pegar;
- 4) Rolar a bola no chão e tentar pegá-la;
- 5) Rolar a bola em um banco sozinho e depois em dupla;
- 6) Boliche de bola;
- 7) Duas equipes, bola por debaixo da corda;
- 8) Bola ao cesto, preso na cintura ou na cadeira de rodas;
- 9) Dois a dois, de frente um para o outro, rolam jogam ou quicam a bola, parado e/ou em movimento, com uma ou duas bolas.

**Variações:** deverão ser utilizadas bolas de vários tipos, bem como balões de ar de cores e tamanhos diferentes.

- 10) Todos os alunos participam; um dos participantes é escolhido como pegador. A um sinal, ele tentará pegar os demais. Quem for tocado por ele, na cadeira ou no corpo, virará estátua.

**Varição:** o aluno que virar estátua poderá ser salvo por outro colega.

**Pega-ajuda;** o aluno que for alcançado passará a ser o pegador também.

- 11) Os alunos deverão posicionar-se numa mesma linha e correrão em linha reta após serem chamados individualmente. Eles se deslocarão num sentido de ida e volta. Deve-se chamar os participantes numa dinâmica de intervalos; ação que dificultará identificar quem é o mais rápido ou mais lento (respeitando ritmos).

- 12) Os alunos serão divididos em dois grupos mais ou menos homogêneos. No meio do espaço escolhido, será colocado, por exemplo, um banco sueco e cada equipe terá um número igual de bolas. Se possível, haverá pelo menos uma bola (que poderá ser de meia) para cada jogador.

A idéia do jogo é que, ao sinal, cada equipe jogará as bolas de seu lado para o lado do adversário. Ao final do tempo determinado pelo professor (um minuto, por exemplo), ganhará a equipe que tiver menos bolas no seu campo. Ao sinal de fim do tempo combinado, nenhuma equipe poderá jogar a bola no campo adversário.

## 6. TREINAMENTO ESPORTIVO

Os princípios do treinamento esportivo da pessoa com deficiência, na modalidade, deverão seguir as seqüências pedagógicas sugeridas ao basquetebol convencional - no nosso caso, basquetebol escolar - considerando todos os cuidados e as precauções já sugeridos em nosso estudo, em relação à prática de atividade física por pessoa com deficiência e a aprendizagem do domínio de sua cadeira de rodas.

É importante ressaltar que a seqüência pedagógica para o aluno deficiente poderá ser a mesma utilizada para os alunos não-deficientes, considerando, porém, que na execução de suas atividades algumas adaptações aos fundamentos técnicos poderão ser realizadas nas atividades práticas.

É muito comum o pensamento de que, no BCR, não há necessidade do aprendizado de fundamentos técnicos e posicionamentos táticos. É importante considerarmos que o aluno de BCR deve aprender a aliar os fundamentos específicos do jogo (técnicos e táticos) ao domínio da técnica do manejo da cadeira de rodas.

Sendo assim, destacamos quais são as técnicas e os fundamentos importantes para a prática do BCR. Barbanti (1994) *apud* De Rose Junior e Tricoli (2005): a técnica é a estrutura racional de um ato motor para atingir determinado objetivo; é a seqüência de movimentos de determinado gesto esportivo.

A representação da técnica em cada esporte acontece por meio da execução dos fundamentos específicos (DE ROSE JUNIOR e TRICOLI, 2005).

Os fundamentos dentro do basquetebol são considerados por Coutinho (2003) como as várias partes que compõem o jogo propriamente dito. Podemos entender como sendo os gestos básicos do jogo que podem, na maioria das vezes, ser executados de maneira isolada ou combinada com outros fundamentos técnicos.

Esses fundamentos técnicos podem ser de ataque ou defesa e devem ser aplicados no BCR.

### DEFESA

Controle do corpo  
Controle da cadeira  
Posição defensiva  
Rebote

### ATAQUE

Controle do corpo  
Controle da cadeira  
Controle de bola  
Drible  
Arremessos  
Passes  
Rebote

**Observação:** Para a execução de todos estes fundamentos, o controle da cadeira de rodas e do corpo são fundamentais. Sendo assim, é importante reforçarmos estes dois fundamentos por meio de atividades lúdicas e/ou direcionadas.

## FUNDAMENTOS TÉCNICOS

### A) Controle de corpo e da cadeira de rodas:

Os exercícios podem ser realizados como os tradicionalmente aplicados, nos quais todos os alunos executam os exercícios ao mesmo tempo, seja em forma de circuito ou seja estações.

- Corridas: para frente, para trás e com mudança de direção.
- Paradas bruscas.

- Giros.
- Fintas.

#### B) Controle de bola:

O aluno deverá estar adaptado à cadeira de rodas para posteriormente conhecer e adaptar-se ao material (bola), num primeiro momento. Esta introdução deverá acontecer de maneira simples para a familiarização do material.

No segundo momento, os exercícios deverão acontecer para que os alunos possam adquirir maior habilidade e domínio com a bola.

Vale ressaltar que, no plano de aula desta etapa, evita-se a introdução diretamente dos fundamentos drible, passe e arremesso antes que o aluno tenha tido a oportunidade de familiarizar-se com a bola. Lembre-se, professor, que ele tem de executar o movimento solicitado e controlar uma cadeira de rodas e, se todos os fundamentos forem sugeridos ao mesmo tempo, existe grande possibilidade de falha nas primeiras tentativas, o que causaria frustração e desânimo.

#### C) Passes:

Tipos de passes mais utilizados no BCR:

**Passe alto:** considerado um dos passes mais importantes e seguros do BCR, uma vez que no regulamento não é permitido que o aluno saia ou salte da cadeira de rodas.

Os alunos que possuírem um bom domínio de corpo poderão utilizar uma mão para executar o passe e a outra para segurar a cadeira. Os alunos com um grau de dificuldade maior deverão realizar o passe com as duas mãos, observando a posição da saída da bola.

**Passe picado:** é utilizado por alunos com maior habilidade. É importante recomendar ao aluno que observe sempre a distância correta em que a bola deve quicar antes de chegar no receptor, ou seja, muitos alunos jogam a bola em cima do pé, pedal ou cadeira do companheiro.

**Passe de peito:** considerado, junto com o passe alto, um dos passes mais importantes e seguros do BCR, devendo seguir os princípios técnicos do passe de peito como no basquetebol convencional. Porém, deverá ser repassado aos alunos que as pessoas que possuírem grau de dificuldade no domínio do corpo e instabilidade de tronco terão mais dificuldade para receber as bolas que por ventura vierem acima da cabeça, ou nas laterais do corpo.

**Passe de gancho:** no BCR, este fundamento é utilizado com a mão oposta segurando o aro propulsor para que o atleta tenha maior segurança (FREITAS, 1997).

Observação: Como é um passe muito utilizado para longas distâncias, os alunos que tiverem um grau de comprometimento maior terão dificuldade em realizá-lo, pois geralmente possuem instabilidade de tronco e pouca força.

#### D) Drible:

O drible utilizado na cadeira de rodas deverá ser realizado tecnicamente no espaço lateral, entre a roda dianteira e o quadro, com o objetivo de proteger a bola, bem como evitar que ela bata no pedal, causando a sua perda. Com a mão oposta, sempre estar em contato com o aro, facilitando assim saídas de marcação e giros rápidos, deslocamento com a bola, entre outros (FREITAS, 1997).

Exercício de iniciação;

- Dar dois impulsos no aro da roda, enquanto a bola descansa sobre o colo; posteriormente quicar a bola novamente no solo (repetir o movimento).

Exercícios após domínio do drible, seguindo a seqüência sugerida por Freitas (1997).

- Aluno parado, utilizando a mão direita e esquerda: uma das mãos deverá estar driblando a bola e a mão que estiver livre deverá estar em contato com o aro (Trocar o lado).
- Em deslocamento com a mão direita e mão esquerda: a mão oposta deverá direcionar a cadeira de rodas (pela complexidade da coordenação do movimento este é um exercício difícil de executar).
- Aluno parado, fazer o exercício trocando de mão, quicando a bola à frente da cadeira. Posteriormente o exercício deverá ser realizado em deslocamento.
- Recuperação da bola pelo aro: rolar a bola no solo e, com o aluno se aproximando lateralmente da bola, puxá-la de encontro ao aro (pressionar a bola no aro sem puxá-la). O aro trará a bola para cima naturalmente e o aluno deverá pegá-la. É importante que tanto a bola quanto a cadeira estejam em movimento.

#### E) Arremesso:

O arremesso no BCR é biomecanicamente diferente. Freitas (1997) descreve que a força de impulso no basquetebol convencional é transmitida desde os pés, enquanto, para o atleta de BCR, essa força de arremesso se dá em atletas com lesão medular, acima da lesão apresentada, por meio de sua capacidade funcional que vai auxiliá-lo no movimento do arremesso.

O aluno deverá ter as noções básicas de como segurar uma bola, bem como a biomecânica do arremesso convencional, que envolve a posição de 90° graus de cotovelo, extensão do braço e quebra de punho.

No BCR, os arremessos podem ser realizados de peito ou com uma mão. Esta escolha estará diretamente ligada ao nível de força e de lesão no braço, bem como equilíbrio de tronco que o aluno possuir.

De uma maneira geral, quanto maior o nível de lesão do aluno o arremesso mais utilizado é o de peito, sendo, neste caso, importante orientar de que a cadeira de rodas deverá estar posicionada de frente para a cesta. Os alunos que possuem menor comprometimento nos membros superiores e estabilidade de tronco utilizam-se com maior freqüência do arremesso com uma das mãos; neste caso, a frente da cadeira de rodas deve estar ligeiramente voltada para a posição contrária do braço de arremesso.

**Observação:** A alavanca proporcionada pela altura da bola, quando iniciado o arremesso, é de extrema importância e deverá estar o mais baixo possível para propiciar mais altura no arremesso (FREITAS, 1997).

**Exercício:** Para uma melhor assimilação do arremesso, o aluno poderá executá-lo num primeiro momento voltado para uma parede ou realizá-lo em dupla observando sempre se o movimento do cotovelo e quebra de punho estão corretos (Na tentativa de acertar a cesta, o aluno acaba se desconcentrando do movimento correto, tão importante na fase de assimilação).

#### F) Rebote:

O aluno no BCR deverá ter um bom posicionamento de sua cadeira de rodas no rebote ofensivo ou defensivo antes de ir ao encontro da bola. Considerando que o aluno não poderá saltar para pegar a bola, este fundamento tem algumas características próprias e os alunos com maior controle de corpo terão maior facilidade de aproveitá-lo ao recolocar a bola em jogo.

## FUNDAMENTOS TÁTICOS

Barbanti (*apud* JUNIOR e TRICOLI 2005, p.8), define tática como "(...) o planejamento de procedimentos para alcançar um objetivo sob determinadas circunstâncias (...). Refere-se ao sistema de ações planejadas".

Sistema de defesa	Sistema de ataque
Individual	posicionado
Zona	contra-ataque
Pressão	
Misto	
Combinado	

Para Sampedro (*apud* DE ROSE JUNIOR e TRICOLI 2005, p.9), "a tática consiste no saber fazer. É a ação a curto prazo que permite sucesso momentâneo".

Sendo assim, é importante entender que no basquetebol convencional ou no BCR algumas ações deverão ser desenvolvidas dentro do processo pedagógico da modalidade.

- Ações individuais (situações de um contra um).
- Ações grupais (ações de dois contra dois e três contra três).
- Ações coletivas (sistemas de jogo).
- Ações de desvantagem numéricas ( 3x2,2x1,...).

O professor deverá ter conhecimento das habilidades de seus alunos, para que possa sugerir qual o melhor sistema de jogo a ser adotado durante a aula ou partida, definindo as posições e funções de cada aluno.

As ações e os posicionamentos em quadra dependerão da organização e sincronização dos movimentos dos alunos, em que o caráter coletivo do jogo será resultado de um bom nível de habilidade dos alunos.

Considerando o exposto, este é entendido como uma das últimas etapas do processo ensino-aprendizagem, pois envolverá todos os aspectos inerentes à modalidade sejam eles na esfera cognitiva, física, mental ou técnica.

Vale ressaltar que, neste momento, os mecanismos dos sistemas de jogo do basquetebol convencional são muito próximos, cabendo ao professor orientar seu aluno quanto ao melhor posicionamento de sua cadeira de rodas dentro do sistema proposto.

## 7. PRINCIPAIS COMPETIÇÕES DO BCR MUNDIAL E NACIONAL

O BCR é um dos esportes mais antigos do paradesporto, referenciado na maioria das bibliografias específicas como o esporte precursor do movimento paraolímpico. Sua origem na reabilitação de lesados medulares ganhou dimensão e repercussão mundial, tornando-se uma das modalidades mais procuradas e praticadas pelas pessoas com deficiência física. É uma modalidade que engloba competições nacionais e internacionais.

Apresentaremos as competições que atualmente fazem parte do calendário oficial das entidades representativas da modalidade e, na seqüência, os eventos considerados não-oficiais.

### PRINCIPAIS EVENTOS INTERNACIONAIS E SUAS CATEGORIAS

Regidos pela Federação Internacional de Basquetebol em Cadeira de Rodas, IWBF (*International Wheelchair Basketball Federation*), entidade máxima do BCR, é ela quem determina as regras e normas específicas a serem seguidas por todos os países e ela filiados.

- Paraolimpíadas
- Mundial \*
- Torneios Continentais. Ex.: Copa América / Europeu
- Parapan-americano
- Sul-americano (Clubes)
- Eventos Promocionais e Torneios de Exibição

\*Junior Sub 23 anos permite que homens e mulheres joguem juntos fazendo parte da mesma seleção.

- Categoria Juniors até 23 anos
- Categoria adulta masculino e feminina acima de 23 anos

Maiores informações sobre eventos internacionais, acesse: [www.iwbf.org](http://www.iwbf.org)

### PRINCIPAIS EVENTOS NACIONAIS

São promovidos pela CBBC (Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas), entidade maior do BCR brasileiro, que recebe as determinações vindas da IWBF e as transmite às suas afiliadas no Brasil. Sua sede está localizada em Brasília – DF.

- Regionais (Nordeste, Sul, Leste, Centro-Oeste, São Paulo).

São eventos abertos à participação de todos os clubes filiados à CBBC, sendo classificatórios para o campeonato brasileiro da terceira divisão.

- Brasileiro (Atualmente o Brasil possui três divisões, com 12 equipes, mais o campeonato feminino).
- Categoria adulta masculino e feminino.

Maiores informações sobre eventos nacionais, acesse: [www.cbcb.org.br](http://www.cbcb.org.br).

### EVENTOS ESTADUAIS E INTERESTADUAIS

São promovidos pelas federações estaduais e ligas regionais como, por exemplo, Federação Paulista de Basquete sobre Rodas e Liga Sul de Basquetebol em Cadeira de Rodas, entre outras.

**VALE MENCIONAR**

Algumas promoções de jogos e competições, que não são necessariamente homologados pelas federações e confederações oficiais do BCR, são também vivências que podem ser consideradas competições, ou eventos integradores reconhecidos pelos órgãos municipais e estaduais das unidades da Federação.

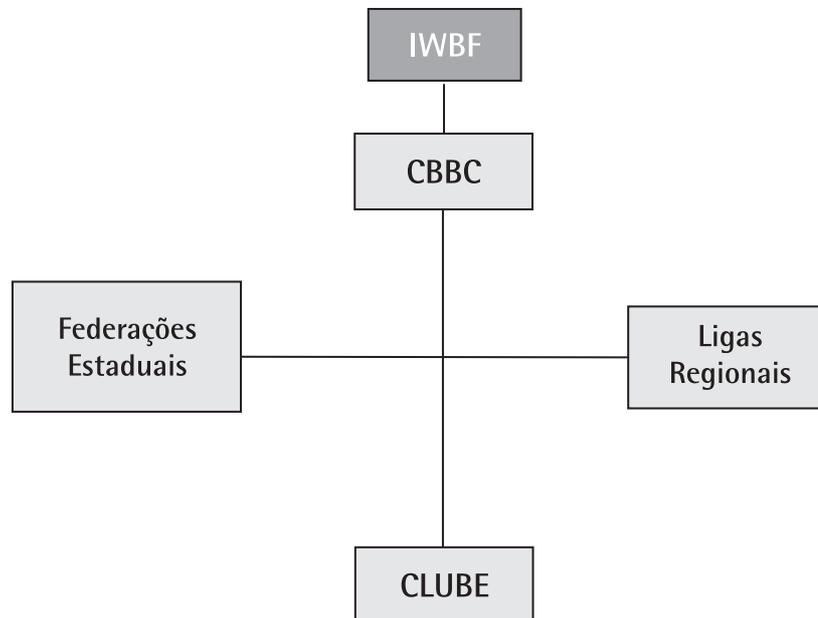
- Eventos Municipais.
- Jogos Abertos Estaduais.
- *Streetball*.

Para o professor, é importante saber que atualmente ainda não temos no Brasil jogos estudantis e universitários para esta modalidade, até porque, oficialmente pela Confederação Nacional, só existem eventos oferecidos para a categoria adulta, e a Federação Internacional reconhece para efeitos de competição a categoria adulta e Junior Sub 23. Entretanto, isto não impede que você possa criar competições internas em sua escola, interagindo seu aluno cadeirante em torneios de trios, ou até mesmo, nos campeonatos inter salas.

Caso seu aluno se interesse em participar do BCR em nível competitivo, encaminhe-o para uma instituição representativa para pessoas com deficiência física em seu município, que ela saberá orientá-lo.

Lembre-se de que estamos neste momento falando de esportes escolares.

**Estrutura atual do BCR nacional e mundial**



IWBF – *International Wheelchair Basketball Federation*.

CBBC – Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas

## 8. PRINCIPAIS RESULTADOS DE COMPETIÇÕES

## INTERNACIONAIS

PARAOLIMPÍADAS			
LOCAL	MASCULINO	DATA	FEMININO
Roma / Itália	USA	1960	-----
Tóquio / Japão	USA	1964	-----
Tel Aviv / Israel	Israel	1968	Israel
Heidelberg / Alemanha	USA	1972	Argentina
Toronto / Canadá	USA	1976	Israel
Arnheim / Noruega	Israel	1980	Alemanha
Stoke Mandeville / GB	França	1984	Alemanha
Seoul / Coreia	USA	1988	USA
Barcelona / Espanha	Noruega	1992	Canadá
Atlanta / USA	Austrália	1996	Canadá
Sydney / Austrália	Canadá	2000	Canadá
Atenas / Grécia	Canadá	2004	USA

Fonte: Strohkendl (1996)

MUNDIAL				
	CAMPEÃO		CAMPEÃO	
LOCAL	MASCULINO	DATA	FEMININO	LOCAL
Bruges / Belgium	Grã Bretanha	1973	----	-----
Bruges / Belgium	Israel	1975	-----	-----
Tampa / USA	USA	1979	-----	-----
Halifax / Canadá	USA	1983	-----	-----
Melbourne / Austrália	USA	1986	-----	-----
Bruges / Belgium	França	1990	USA	St. Etienne/França
Edmonnton / Canadá	USA	1994	Canadá	Stoke Mandeville / GB
Sydney / Austrália	USA	1998	Canadá	Sydney / Austrália
Kitakyushu / Japão	USA	2002	Canadá	Kitakyushu/Japão

Fonte: Strohkendl (1996)

JUNIORES		
LOCAL	DATA	CAMPEÃO
Toronto / Canada	1997	Canadá
Blumenau / Santa Catarina	2001	Canadá
Birmingham / Inglaterra	2005	USA

Fonte: IWBF (2006)



Foto 05: Atleta Wandemberg, destaque Seleção Brasileira, Juniores 2005.

## NACIONAIS

<b>BRASILEIRO - masculino</b>	
<b>1ª divisão</b>	
<b>DATA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
1997	ADDF (PE)
1998	ADDF (PE)
1999	ADDF (PE)
2000	Sobre Rodas (PE)
2001	GRISP (SP) - Águias
2002	Sobre Rodas (PE)
2003	Não ocorreu
2004	Sobre Rodas (PE)
2005	GRISP (SP) - Águias

Fonte: CBBC e entrevistas com as técnicas da Seleção Brasileira masculina, ano 2006.

**Observação:** Desde a criação da CBBC em 1997, as equipes femininas têm participado esporadicamente de competições devido ao número escasso de praticantes da modalidade.

A intenção é de que a participação de entidades femininas faça parte do calendário oficial da CBBC.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marcos Bezerra de. *Basquetebol – iniciação*. 3.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- ARAÚJO, Paulo Ferreira de. *Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, INDESP, 1998.
- CIDADE, Ruth Eugênia Amarante; FREITAS, Patrícia Silvestre de. *Introdução à Educação Física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.
- COSTA, Alberto Martins. *Apostila Curso de Especialização: Educação física para pessoas portadoras de deficiência*. UFU – Universidade Federal de Uberlândia, 1996.
- COUTINHO, Nilton Ferreira. *Basquetebol na escola*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
- COURBARIAUX, Bernard. *Reglas de Classificación*. IWBf, 1992.
- DE ROSE JUNIOR, Dante; TRICOLI, Valmor. Basquetebol: conceitos e abordagens gerais. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática*. Barueri: SP, Manole, 2005.
- FREITAS, Patrícia Silvestre de. *Iniciação ao basquetebol sobre rodas*. Uberlândia, Gráfica Breda, 1997.
- FREITAS, Patrícia Silvestre de. Manejo em cadeira de rodas. In: \_\_\_\_\_ (org). *Educação Física e esporte para deficientes: coletânea*. Uberlândia. UFU, 2000.
- IWBf. *International Wheelchair Basketball Federation. A Guide to the functional of Wheelchair Basketball Players*. IWBf, 2004.
- IWBf. *International Wheelchair Basketball Federation*. [http:// www.iwb.org](http://www.iwb.org). Acesso em 25 maio de 2006.
- MATTOS, Elisabete. Pessoas portadoras de deficiência física (motora) e as atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer. In: *Educação Física e desporto para pessoas portadoras de deficiência*. Brasília: MEC-SEDES, SESI, 1994.
- PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática*. Barueri, SP: Manole, 2005
- RIBEIRO, Sônia Maria. Basquetebol em cadeira de rodas. In: *Anais do III Encontro de Educação Especial na UEM – Universidade Estadual de Maringá*. Maringá, 2001.
- SAMPAIO, Isabel Cristina da Silva Prado *et al*. Atividade esportiva na reabilitação. In: GREVE, Júlia Maria D'Andréa *et al*. *Diagnóstico e tratamento da lesão da medula espinhal*. São Paulo: Roca, 2001.
- SOUZA, Pedro Américo de. *O esporte na paraplegia e tetraplegia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.
- STROHKENDL, Horst. *The 50th anniversary of wheelchair basketball: a history*. New York: Wasmann, 1996.



[www.cpb.org.br](http://www.cpb.org.br)